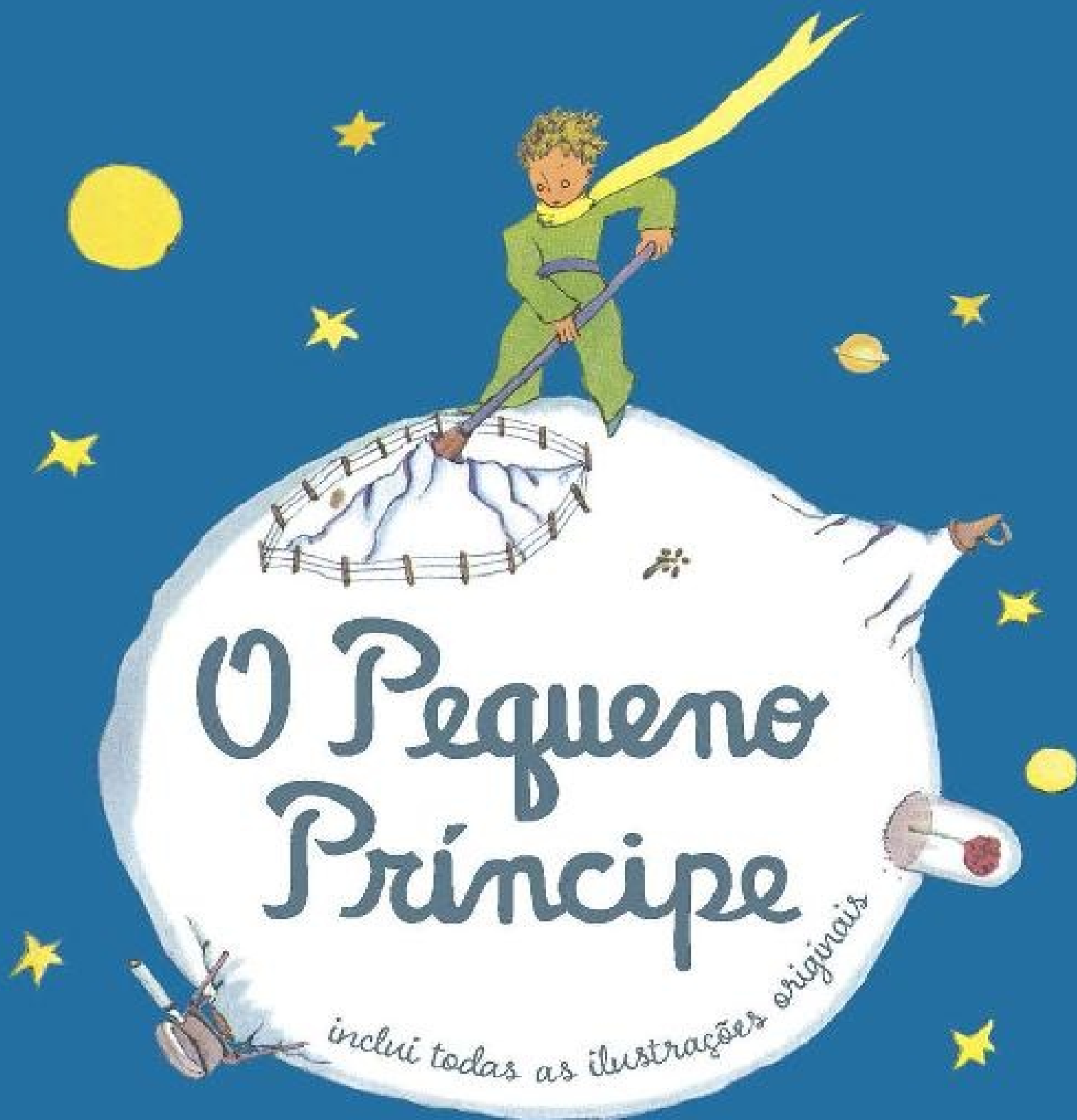




ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY



TRADUÇÃO DE ANDRÉ TELLES E RODRIGO LACERDA

CLÁSSICOS  ZAHAR

Antoine de Saint-Exupéry

O PEQUENO PRÍNCIPE

Inclui todas as ilustrações originais do autor

Tradução:
André Telles e Rodrigo Lacerda

SUMÁRIO

Nota dos editores

O PEQUENO PRÍNCIPE

Posfácio:
A energia renovadora do exílio,
por Rodrigo Lacerda

Cronologia:
Vida e obra de Antoine de Saint-Exupéry

NOTA DOS EDITORES

Há quatro gerações, no mínimo, *O pequeno príncipe* é um dos livros mais lidos do mundo. Seu protagonista, o homenzinho louro, de cachecol dourado, inteligência intuitiva e perguntas impertinentes, chegou e ficou no imaginário coletivo de nosso tempo.

Ele é a versão mais recente da criança eterna, arquétipo presente em vários tempos e culturas. Multifacetado, seu arco emocional é amplo; ele chora, se enfurece, tem saudade, sofre, faz amigos, enfrenta, foge, briga *etc.* É um pouco alma ingênua, um pouco menino perdido, santo, filósofo espontâneo, um pouco Jesus e, claro, uma representação do próprio autor.

Graças ao olhar que lança sobre as coisas, sempre curioso, sempre disposto a aprender, ele induz o leitor a repensar as ligações entre sua infância e a vida adulta, entre o sentimento e a consciência, a razão e a realidade. O universo, empobrecido pelo racionalismo, se expande ao entrar novamente em contato com sua antiga essência espiritual. A raposa, a serpente, a rosa, os planetas, os vulcões, os baobás, o poço, o bêbado e o acendedor de postes deixam de ser coisas, animais e pessoas, tornando-se algo mais, símbolos, símbolos nunca inteiramente explicados, e por isso mesmo muito fortes.

No aniversário de setenta anos da morte do escritor, a Zahar tem a satisfação de oferecer ao público esta edição integral do texto de Saint-Exupéry, em nova tradução e com todas as ilustrações clássicas do autor, além de um posfácio que resgata as circunstâncias da produção do livro e analisa alguns de seus temas principais. Homenagem merecida a essa obra-prima, que diverte com delicadeza e emociona sem pieguismo, ao abordar dilemas cruciais do mundo contemporâneo.

O PEQUENO PRÍNCIPE

a Léon Werth

Peço desculpas às crianças por dedicar este livro a um adulto. Tenho uma boa justificativa: esse adulto é o melhor amigo que tenho no mundo. Tenho outra justificativa: esse adulto é capaz de entender tudo, até os livros para crianças. Tenho uma terceira justificativa: esse adulto mora na França, onde sente fome e frio. Ele precisa ser consolado. Se todas essas justificativas não são suficientes, disponho-me então a dedicar este livro à criança que esse adulto um dia foi. Todos os adultos já foram crianças. (Mas poucos se lembram disso.) Corrijo então minha dedicatória:

*a Léon Werth
quando era um garotinho*

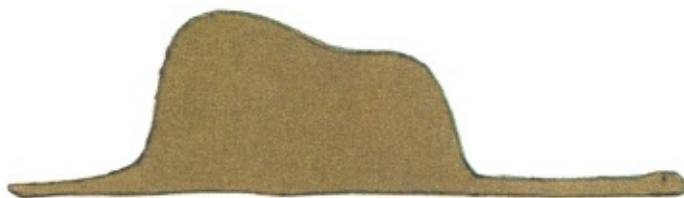
I

Quando eu tinha seis anos, vi num livro sobre a Floresta Virgem, chamado *Histórias vividas*, uma ilustração incrível. Representava uma cobra jiboia engolindo uma fera. Aí está a cópia do desenho.

O livro dizia: “As jiboias engolem sua presa inteirinha, sem mastigar. Depois não conseguem mais se mexer e dormem durante os seis meses de sua digestão.”



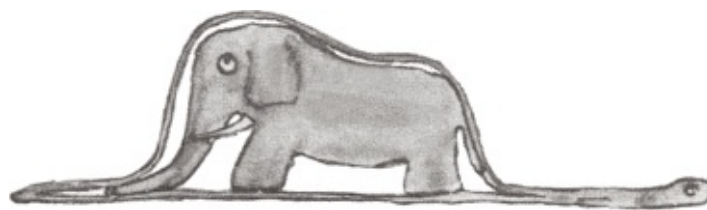
Pus-me então a meditar sobre as aventuras na selva e fiz meu primeiro desenho com lápis de cor. Meu desenho número 1. Era assim:



Mostrei minha obra-prima aos adultos e perguntei se meu desenho lhes dava medo.

Eles responderam: “Por que um chapéu daria medo?”

Meu desenho não representava um chapéu. Representava uma cobra jiboia digerindo um elefante. Desenhei então o interior da jiboia, a fim de que os adultos pudessem compreender. Eles precisam sempre de explicações. Meu desenho número 2 era assim:



Os adultos me aconselharam a esquecer desenhos de jiboias abertas ou fechadas e, em vez disso, me interessar por geografia, história, cálculo e gramática. Foi assim que desisti de uma magnífica carreira de pintor. O insucesso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2 me desanimou. Adultos nunca entendem nada sozinhos e é cansativo, para as crianças, ficar o tempo todo explicando tudo.

Tive, portanto, de escolher outra profissão e aprendi a pilotar aviões. Voei por todo lugar mundo afora. E a geografia, verdade seja dita, me ajudou um bocado. Bastava uma olhadinha para eu diferenciar a China do Arizona. E isso é muito útil quando a gente se perde à noite.

Fiz assim, durante a minha vida, um monte de contatos com um monte de gente séria. Vivi no meio dos adultos. Vi-os muito de perto. O que não melhorou grande coisa minha opinião sobre eles.

Quando topava com um que parecia mais esperto, submetia-o ao teste do meu desenho número 1, do qual nunca me separei. Queria saber se a pessoa era realmente capaz de entender. Mas sempre me respondiam: “É um chapéu.” Então eu não falava nem em jiboias, nem em florestas virgens, nem em estrelas. Colocava-me no seu nível. Falava em bridge, golfe, política e gravatas. E o adulto ficava satisfeitiíssimo de conhecer homem tão sensato.

2

Vivi sozinho, portanto, sem ninguém com quem conversar de verdade, até sofrer uma pane no deserto do Saara, seis anos atrás. Alguma coisa pifara no motor. E como eu não tinha comigo nem mecânico, nem passageiros, preparei-me para tentar realizar, sozinho, um conserto difícil. Era questão de vida ou morte. Eu mal tinha água potável para uma semana.

A primeira noite, dormi na areia, a mil milhas de toda região habitada. Estava muito mais isolado que um naufrago numa jangada no meio do oceano. Imaginem então minha surpresa, ao amanhecer, quando fui acordado por uma vozinha engraçada, que dizia: – Por favor... Desenhe um carneiro para mim!

– Hein?

– Desenhe um carneiro para mim...

Levantei de repente, como se atingido por um raio. Esfreguei bem os olhos. Olhei bem. E vi, me observando com atenção, um homenzinho absolutamente extraordinário. Eis o melhor retrato que, mais tarde, consegui fazer dele. O desenho, claro, é muito menos encantador que o modelo. A culpa não é minha. Os adultos dissuadiram-me da carreira de pintor quando eu tinha seis anos e não aprendi a desenhar mais nada, restringindo-me a jiboias fechadas e jiboias abertas.



Olhei então aquela aparição com os olhos arregalados do espanto. Não se esqueçam de que eu estava a mil milhas do último lugar habitado. Ora, o sujeitinho não me parecia nem perdido, nem morto de cansaço, nem morto de fome, nem morto de sede, nem morto de medo. Não lembrava em nada uma criança perdida no meio do deserto, a mil milhas da mais remota civilização. Quando finalmente consegui falar, perguntei: – Mas... o que você está fazendo aí?

E ele repetiu, baixinho, como se fosse uma coisa muito séria: – Por favor... desenhe um carneiro para mim...

Quando o mistério é esmagador, não ousamos desobedecer. Por mais absurdo que aquilo me parecesse a mil milhas da última região habitada e com a vida em perigo, tirei do bolso uma folha de papel e uma caneta-tinteiro. Foi quando lembrei que tinha estudado principalmente geografia, história, cálculo e gramática e disse ao homenzinho (com uma pontinha de mau humor) que não

sabia desenhar. Ele me respondeu: – Não tem importância. Desenhe um carneiro.

Como nunca tinha desenhado um carneiro, repeti, para ele, um dos dois únicos desenhos de que era capaz. O da jiboia fechada. E levei um susto ao ouvir o homenzinho exclamar: – Não! Não! Não quero elefante dentro de jiboia. Uma jiboia é perigosa demais e um elefante, espaçoso demais. O lugar onde eu moro é minúsculo. Preciso de um carneiro. Desenhe um carneiro para mim.

Então, desenhei.



Ele olhou atentamente e disse:

– Não! Este já está muito doente. Faça outro.

Desenhei.



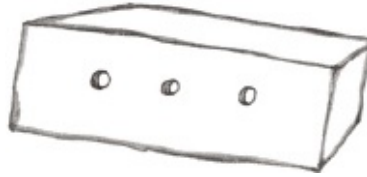
Meu amigo sorriu amavelmente, com benevolência: – Cá entre nós... isso não é um carneirinho, é um adulto. Veja os chifres...

Refiz o desenho.



Mas ele foi rejeitado, como os anteriores: – Este é velho demais. Quero um carneiro com vida pela frente.

Perdendo então a paciência, com pressa de começar a desmontagem do motor, rabisquei este desenho.



E arrisquei:

– Esta é a caixa. O carneiro que você quer está dentro dela.

Meu queixo caiu ao ver o rosto do meu jovem juiz se iluminar: – Exatamente o eu queria! Acha que esse carneiro precisa de muito capim?

– Por quê?

– Porque onde eu moro é minúsculo...

– Tenho certeza de que será suficiente. Fiz um carneiro bem pequeno para você.

Ele curvou a cabeça sobre o desenho: – Nem tão pequeno assim... Veja! Dormiu...

Foi assim que conheci o pequeno príncipe.

3

Precisei de um bom tempo para entender de onde ele vinha. O pequeno príncipe, que me fazia muitas perguntas, nunca parecia ouvir as minhas. Foram palavras pronunciadas ao acaso que, aos poucos, me revelaram tudo. Por exemplo, ao cravar os olhos no meu avião (não vou desenhar meu avião, é um desenho muito complicado para mim), ele perguntou: – O que é essa coisa?

– Não é uma coisa. Voa. É um avião. É o meu avião.

Senti orgulho de contar que eu voava. Ele exclamou: – Nossa! Você caiu do céu!

– Sim – respondi modestamente.

– Puxa! Que engraçado...



E o pequeno príncipe deu uma sonora gargalhada, que me irritou muito. Gosto que levem a sério meus infortúnios. Depois ele acrescentou: – Quer dizer que também veio do céu! De que planeta você é?

Vislumbrei na mesma hora uma luz no mistério de sua presença e indaguei bruscamente: – Quer dizer que você veio de outro planeta?

Mas ele não respondeu. Abanou a cabeça, enquanto observava o meu avião: – Se bem que, por falar nisso, você não pode vir de muito longe...

E mergulhou num longo devaneio. Em seguida, tirando meu carneiro do bolso, entregou-se à contemplação de seu tesouro.

Vocês podem muito bem imaginar como aquela alusão a “outros planetas” me deixou intrigado. Tentei então saber mais: – De onde vem, homenzinho? Onde é que você “mora”? Para onde quer levar meu carneiro?

Após um silêncio meditativo, ele respondeu: – O bom é que, com a caixa que você me deu, ele terá onde dormir à noite.

– Exatamente. E se você for bonzinho, dou-lhe uma corda também para prendê-lo durante o dia. E uma estaca.

A sugestão pareceu chocar o pequeno príncipe: – Prendê-lo? Que ideia maluca!

– Mas se não o prender, ele pode sair por aí e acabar se perdendo...

Meu amigo deu outra gargalhada:

– Ora, aonde acha que ele poderá ir?!

– Sei lá. Pode sair andando em linha reta...

Então o pequeno príncipe observou gravemente: – Não vai fazer diferença, o lugar onde eu moro é minúsculo.

E, talvez com um pouco de melancolia, acrescentou: – Não se vai muito longe andando em linha reta...



4

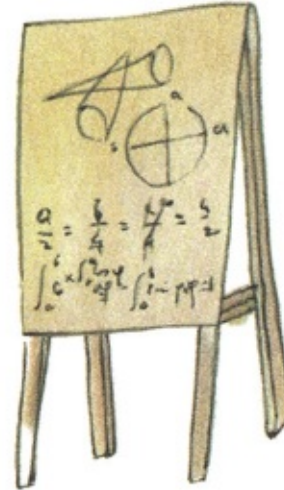
Assim, tomei conhecimento de uma coisa importantíssima: que seu planeta de origem era pouco maior que uma casa!

Isso não era motivo de muito espanto. Eu sabia muito bem, afora os grandes planetas como a Terra, Júpiter, Marte e Vênus, aos quais deram nomes, há centenas de outros que, de tão pequenos que são, temos dificuldade em observá-los pelo telescópio. Quando um astrônomo descobre um deles, atribui-lhe um número como nome. Chama-o, por exemplo, de “asteroide 3251”.



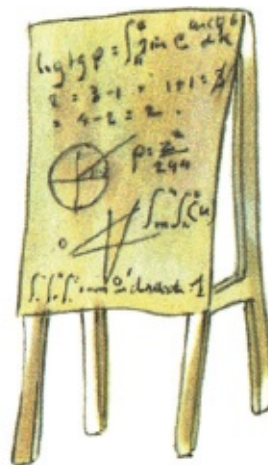
Tenho fortes motivos para crer que o planeta de onde vinha o pequeno príncipe é o asteroide B 612. Esse asteroide só foi avistado uma vez no telescópio, em 1909, por um astrônomo turco.

Na época, ele havia feito uma ruidosa demonstração de sua descoberta, num Congresso Internacional de Astronomia. Contudo, por causa da roupa que vestia, ninguém acreditou nele. Adultos são assim.



Felizmente para a reputação do asteroide B 612, um ditador turco obrigou seu povo, sob pena de morte, a vestir-se à moda europeia. O astrônomo repetiu sua demonstração em 1920, num terno muito elegante. E dessa vez todos deram o braço a torcer.

Se conto esses detalhes sobre o asteroide B 612 e revelo seu número, é por causa dos adultos. Adultos adoram números. Quando contamos a eles sobre um novo amigo, nunca perguntam sobre o essencial. Nunca dizem: “Qual é o som da sua voz? Quais os jogos que ele prefere? Será que coleciona borboletas?” Perguntam: “Quantos anos ele tem? Quantos irmãos? Quanto pesa?” Só então julgam conhecê-lo. Se dizemos aos adultos: “Vi uma bonita casa de tijolos cor-de-rosa, com gerânios nas janelas e pombos no telhado...” eles não conseguem imaginar essa casa. Temos que dizer: “Vi uma casa de cem mil francos.” Então exclamam: “Que linda casa!”



Se você falar: “A prova de que o pequeno príncipe existiu é que ele era encantador, ria e queria um carneiro. Alguém querer um carneiro é uma prova de que esse alguém existe”, os adultos darão de ombros e o chamarão de criança! Mas se disser: “O planeta de onde venho é o asteroide B 612”, acreditarão e não o aborrecerão mais com perguntas. Eles são assim. Não devemos lhes querer mal por isso. As crianças precisam ter muita paciência com os adultos.

Nós, claro, que compreendemos a vida, simplesmente rimos dos números! Eu teria adorado começar esta história à maneira de um conto de fadas. Teria adorado dizer:

“Era uma vez um pequeno príncipe que morava num planeta um pouquinho maior que ele e que precisava de um amigo...” Teria soado muito mais verdadeiro para quem compreende a vida.

Pois não me agrada que leiam meu livro por alto. É muito doloroso reviver tais recordações. Já se vão seis anos que meu amigo partiu com seu carneiro. Se tento aqui descrevê-lo, é para não me esquecer. É triste esquecer um amigo. Nem todo mundo teve um amigo. E posso ficar parecido com os adultos, que só se interessam por números. Foi o que me levou a comprar lápis e aquarela. É difícil voltar ao desenho, a essa altura da vida, quando suas únicas tentativas, aos seis anos, resumiam-se a uma jiboia fechada e uma jiboia aberta! Buscarei, naturalmente, fazer retratos os mais fiéis possíveis. Mas não tenho muita certeza de conseguir. Um desenho dá certo, o outro já não fica tão parecido. Também erro um pouco no tamanho. Aqui, o pequeno príncipe está alto demais. Ali, baixo demais. Hesito também quanto à cor de sua roupa. E assim vou tateando aqui e ali, na medida do possível. Também cometerei um ou outro engano no que

se refere a determinados detalhes mais importantes. Mas eu não tenho culpa disso. Meu amigo nunca dava explicações. Talvez me julgasse parecido com ele. Infelizmente, contudo, não sei ver carneiros através de caixas. Talvez eu seja um pouco feito os adultos. Devo ter envelhecido.

5

Todos os dias eu aprendia alguma coisa sobre o seu planeta, a sua partida, a viagem. Isso acontecia devagar, ao sabor das reflexões. Foi assim que, no terceiro dia, inteirei-me do drama dos baobás.

Também dessa vez foi graças ao carneiro, pois o pequeno príncipe me interrogou bruscamente, como se assaltado por séria dúvida: – É verdade, não é, que carneiros comem arbustos?

– Sim. É verdade.

– Ah! Que bom.

Não entendi por que carneiros comerem arbustos era tão importante. O pequeno príncipe acrescentou: – Nesse caso, eles também comem baobás?

Fiz ver ao pequeno príncipe que baobás não são arbustos, e sim árvores grandes como igrejas, e que, mesmo se levasse com ele uma manada inteira de elefantes, essa manada não daria conta de um único baobá.

A ideia da manada de elefantes fez o pequeno príncipe rir: – Teríamos que empilhá-los...

Mas ele observou com sabedoria:

– No começo, antes de crescer, os baobás são pequenos.

– É verdade! Mas o que o faz desejar que seus carneiros comam os pequenos baobás?



Ele respondeu: “Ora, convenhamos!” como se aquilo fosse uma obviedade. Precisei de um grande esforço de inteligência para atinar com a solução de tal enigma.

Com efeito, no planeta do pequeno príncipe, como em todos os planetas, existiam ervas boas e ervas daninhas. Por conseguinte, sementes boas de ervas boas e sementes daninhas de ervas daninhas. Mas as sementes são invisíveis. Dormem no segredo da terra até que uma delas julgue por bem acordar. Ela então se espicha e estende para o sol, primeiro timidamente, um gracioso e inofensivo raminho. Caso se trate de um ramo de rabanete ou de uma roseira, ele pode crescer como bem entender. Porém, se for uma erva daninha, convém arrancar a planta imediatamente, tão logo seja identificada. Ora, havia sementes terríveis no planeta do pequeno príncipe... eram as sementes de baobás. O solo do planeta estava infestado delas. Ora, se demorar a agir, a pessoa nunca mais consegue se livrar de um baobá. Ele atravanca todo o planeta. Perfura-o com

suas raízes. E, se o planeta for minúsculo e os baobás forem muitos, estes explodem aquele.

“É uma questão de disciplina”, me dizia mais tarde o pequeno príncipe. “Quando termino minha higiene matinal, faço cuidadosamente a limpeza do planeta. Tenho que me virar para arrancar os baobás tão logo os distingo das roseiras, com os quais se parecem muito quando brotos. É um trabalho chatíssimo, mas muito fácil.”



Um dia ele me aconselhou a caprichar num belo desenho, para enfiar tal lição na cabeça das crianças do lugar onde moro. “Se elas viajarem um dia”, disse, “isso pode lhes ser útil. Às vezes não há inconveniente em adiar o trabalho para mais tarde. No caso de baobás, porém, isso acaba sempre em desastre. Conheci um planeta habitado por um preguiçoso. Ele não ligava para três arbustos...”

E, obedecendo às instruções do pequeno príncipe, desenhei o tal planeta. Não me agrada adotar um tom moralista. Mas o perigo dos baobás é tão pouco conhecido, e tão considerável o risco de alguém se perder num asteroide, que, uma vez na vida, abro uma exceção e saio de minha reserva. Exclamo:

“Crianças! Cuidado com os baobás!” Para alertar meus amigos de um perigo que os espreitava há muito tempo, assim como a mim, que não o conhecia, me esmerei tanto nesse desenho. A lição que eu transmitia compensava o trabalho. Vocês talvez se perguntem: por que neste livro não há outros desenhos tão imponentes como o dos baobás? A resposta é bem simples: tentei mas não tive sucesso. Quando desenhei os baobás, fui movido por uma sensação de urgência.



6

Ah!, pequeno príncipe, aos poucos compreendi sua vida pequena e melancólica. Você não teve tempo para distrações, a não ser para a suavidade dos poentes. Intirei-me desse novo detalhe na manhã do quarto dia, quando você falou: – Gosto muito do pôr-do-sol. Que tal assistirmos a um pôr-do-sol...

– Precisamos esperar...

– Esperar o quê?

Você pareceu bastante surpreso no início e depois riu de si mesmo. E disse: – Achei que eu continuava no lugar onde moro!

Com efeito. Quando é meio-dia nos Estados Unidos, o sol, todo mundo sabe, põe-se na França. Bastaria ser possível ir à França em um minuto para assistir ao pôr-do-sol. Infelizmente, a França fica muito longe. Já no seu pequeno planeta, bastava deslocar sua cadeira alguns passos. E era possível contemplar o crepúsculo sempre que desejasse...



– Um dia, vi o sol se pôr quarenta e quatro vezes!

Um pouco depois, acrescentou:

– Sabe como é... quando estamos imensamente tristes, gostamos dos poentes...

– Você estava imensamente triste no dia das quarenta e quatro vezes?

O pequeno príncipe não respondeu.

7

No quinto dia, mais uma vez graças ao carneiro, certo segredo da vida do pequeno príncipe me foi revelado. De supetão, sem preâmbulos, como se fruto de um problema longa e silenciosamente meditado, ele me perguntou: – Se um carneiro come arbustos, ele também come flores?

– Um carneiro come tudo que encontra pela frente.

– Até mesmo flores com espinhos?

– Até mesmo flores com espinhos.

– Então para que servem os espinhos?

Eu não sabia. Naquele momento, estava ocupadíssimo tentando desatarraxar um parafuso muito apertado no motor do meu avião. Estava muito preocupado, pois aquela pane começava a me parecer bastante grave, e o fim da água potável, já bem próximo, me fazia temer pelo pior.

– Para que servem os espinhos?

O pequeno príncipe nunca desistia de uma pergunta, depois de fazê-la. Irritado com meu parafuso, respondi a primeira coisa que me passou pela cabeça: – Espinhos não servem para nada, são pura maldade da parte das flores!

– Oh!

Contudo, após uma pausa silenciosa, ele me interpelou, um tanto magoado: – Não acredito em você! As flores são fracas. São ingênuas. Protegem-se como podem. Julgam-se terríveis com seus espinhos...

Nada respondi. Naquele instante, dizia comigo mesmo: “Se esse parafuso continuar me desafiando, vou arrebentá-lo com uma martelada.” O pequeno príncipe atrapalhou novamente minhas reflexões: – E você acha que as flores...

– Não! Não! Não acho nada! – respondi a primeira coisa que me passou pela cabeça. – Não vê que estou às voltas com um assunto sério!

Ele olhou para mim, estupefato.

– Um assunto sério!

Ele me olhava, com o martelo na mão e os dedos sujos de graxa, debruçado sobre um objeto que lhe parecia horrendo.

– Você falou igual aos adultos!

Fiquei um pouco encabulado. Porém, impiedoso, ele acrescentou: – Você confunde tudo... Mistura tudo!

Estava realmente irritado, balançando os cabelos dourados ao vento.

– Conheço um planeta onde vive certo cavaleiro rubicundo. Ele nunca cheirou uma flor. Nunca olhou para uma estrela. Nunca amou ninguém. Nunca fez nada a não ser contas de somar. E o dia inteiro, igual a você, ele repete: “Sou um homem sério! Sou um homem sério!” e isso o enche de orgulho. Ora, ele não é um homem, é um cogumelo!

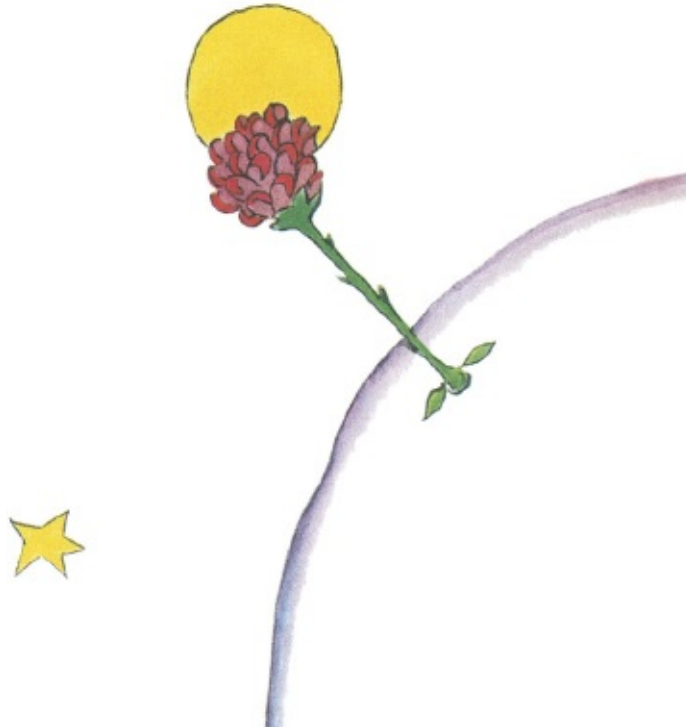
– Um o quê?

– Um cogumelo!



O pequeno príncipe agora estava pálido de raiva.

– Há milhões de anos as flores produzem espinhos. Há milhões de anos os carneiros comem as flores mesmo assim. E não é sério tentar compreender por que elas se esfalfam tanto para confeccionar espinhos que jamais servirão para nada? A guerra dos carneiros e das flores não é importante? Não é mais sério e importante que as contas de somar de um cavaleiro gordo e vermelho? E se eu conhecesse uma flor única no mundo, que não existe em nenhum outro lugar a não ser no meu planeta, e que um carneirinho pode destruir num piscar de olhos, à toa, uma bela manhã, sem se dar conta do que faz, isso não é importante!?



Ele ficou vermelho, depois prosseguiu: – Se alguém ama uma flor da qual só existe um exemplar em milhões e milhões de estrelas, isso basta para que fique feliz quando a contempla. Ele pensa: “Ora, minha flor está ali em algum lugar...” Mas, se o carneiro come a flor, para ele é como se todas as estrelas se apagassem de repente! E isso não é importante!?

Não conseguiu ir adiante. Rebentou subitamente em soluços. Já era noite. Eu tinha largado as ferramentas. Estava me lixando para o meu martelo, para o meu parafuso, para a vida e para a morte. Havia, numa estrela, num planeta, o meu, a Terra, um pequeno príncipe a ser consolado! Peguei-o no colo. Embalei-o. Dizia-lhe: “A flor que você ama não está em perigo... Vou desenhar uma focinheira para o seu carneiro... Vou desenhar uma armadura para sua flor... Vou...” Não sabia direito o que falar. Sentia-me um pateta. Não sabia como chegar até ele, onde encontrá-lo... O país das lágrimas é muito misterioso.

8

Logo vim a conhecer melhor a tal flor. Sempre houvera, no planeta do pequeno príncipe, flores muito simples, enfeitadas com uma única fileira de pétalas, que não ocupavam espaço nem atrapalhavam ninguém. Brotavam de manhã na relva e expiravam à noite. Um dia, contudo, aquela germinara, de uma semente vinda não se sabe de onde, e o pequeno príncipe acompanhara bem de perto aquele raminho diferente dos outros. Quem sabe não era um novo tipo de baobá? Mas o arbusto logo parou de crescer e começou a esboçar uma flor. O pequeno príncipe, que assistia ao nascimento de um botão enorme, percebia nitidamente que dali sairia uma aparição milagrosa, porém, abrigada em seu quarto verde, a flor nunca terminava seus preparativos para ser bela. Escolhia meticulosamente suas cores. Vestia-se sem pressa, ajustava as pétalas uma a uma. Não queria sair toda amarrotada como as tulipas. Não queria despontar senão no esplendor de sua beleza. Isso mesmo, acertaram! Era muito vaidosa! Sua misteriosa toalete durou dias e mais dias. E eis que certa manhã, ao romper do dia, a flor havia aparecido.

E ela, que trabalhara com tanta precisão, disse, bocejando:

– Ah! Acabo de acordar... Queira me desculpar... Devo estar toda descabelada...

O pequeno príncipe não pôde conter sua admiração:

– Que bonita você é!

– Não sou mesmo? – respondeu candidamente a flor. – E nasci junto com o sol...



O pequeno príncipe certamente notou que ela não era lá muito modesta, mas era tão comovedora!

– Suponho que seja hora do café da manhã – ela acrescentou em seguida –, seria amável de sua parte pensar em mim...

E o pequeno príncipe, todo confuso, depois de buscar um regador com água fresca, atendeu à flor.



Assim, ela o atormentou desde o início com sua vaidade cheia de caprichos. Um dia, por exemplo, referindo-se aos seus quatro espinhos, disse ao pequeno príncipe:

– Que venham os tigres, com suas garras!

– Não há tigres no meu planeta – objetou o pequeno príncipe –, e depois, tigres não comem capim.

– Não sou capim – respondeu candidamente a flor.

– Desculpe...

– Não tenho medo nenhum de tigres, mas tenho horror a correntes de ar. Por acaso não teria um biombo?

“Horror a correntes de ar... que falta de sorte para uma planta”, observara o pequeno príncipe. “Essa flor é bem complicadinha...”

– À noite, coloque-me sob uma redoma. Faz muito frio aqui onde você mora. É muito precário. Lá de onde venho...

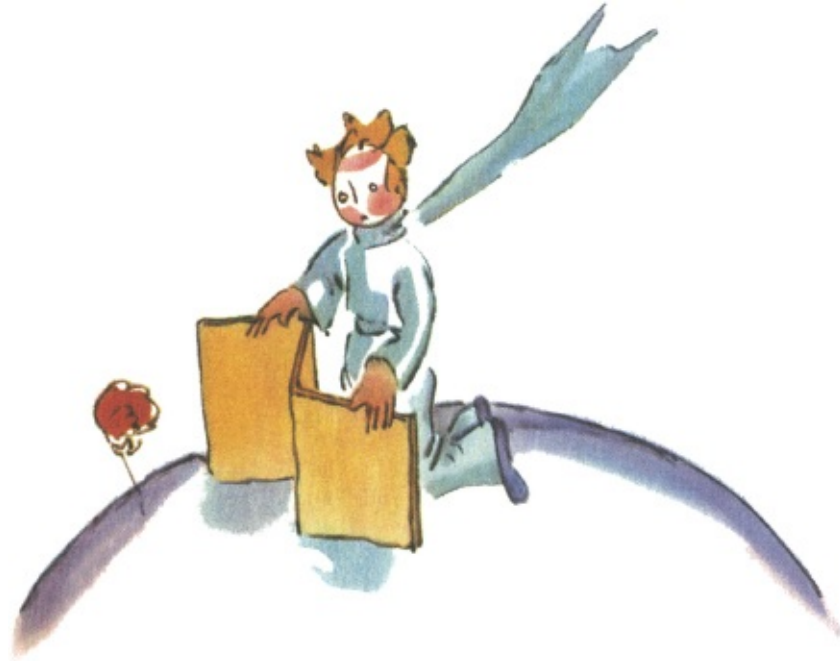


Parou no meio da frase. Viera sob forma de semente. Não poderia conhecer nada dos outros mundos. Humilhada ao ser pega preparando uma mentira tão simplória, tossira duas ou três vezes para fazer o pequeno príncipe sentir-se desconfortável:

– E esse biombo...?

– Eu ia pegar, mas você começou a falar!

Ou seja: ela forçara a tosse para fazê-lo sentir algum remorso.



Assim, o pequeno príncipe, apesar da boa vontade de seu amor, logo desconfiara dela. Levava a sério palavras irrelevantes, o que o deixara imensamente triste.

“Eu não deveria ter lhe dado ouvidos”, ele me disse um dia, “nunca devemos escutar as flores. O certo é olhá-las e respirá-las.”



A minha perfumava o meu planeta, mas eu não sabia me alegrar com isso. Aquela história das garras, que me irritou tanto, deveria ter me enternecido...”

Confidenciou-me também:

“Eu não soube compreender na hora! Deveria tê-la julgado pelos atos, não pelas palavras. Ela me perfumava e iluminava. Eu jamais poderia ter fugido! Deveria ter pressentido sua ternura por trás de suas astúcias banais. As flores são tão contraditórias! Mas eu era jovem demais para saber amá-la.”

9

Acho que, para sua fuga, ele se aproveitou de uma migração de aves selvagens. Na manhã da partida, arrumou direitinho o seu planeta. Limpou cuidadosamente os vulcões em atividade. Havia dois vulcões em atividade. O que era muito cômodo para esquentar o café da manhã. Havia também um vulcão extinto. Mas, como ele dizia, “Nunca se sabe!” Limpou então igualmente o vulcão extinto. Quando estão bem limpos, os vulcões ardem suave e regularmente, sem erupções. As erupções vulcânicas são como fogo saindo pelas chaminés. Claro, na nossa Terra somos pequenos demais para limpar nossos vulcões. Daí eles nos causarem tantos aborrecimentos.

O pequeno príncipe também arrancou, com certa melancolia, os últimos brotos de baobás. Achava que nunca mais voltaria. Entretanto, todas aquelas tarefas domésticas lhe pareceram extremamente agradáveis aquela manhã. E, quando regou pela última vez a flor e se preparou para protegê-la sob a redoma, vieram-lhe lágrimas aos olhos.



– Adeus – disse à flor.

Mas ela não respondeu.

– Adeus – ele repetiu.

A flor tossiu. Mas não por causa do seu resfriado.

– Eu fui uma boba – ela disse finalmente. – Aceite minhas desculpas. Trate de ser feliz.

Surpreso com a ausência de censuras, ele ficou lá, desconcertado, com a redoma na mão. Não compreendia aquela mansidão.

– Claro que eu te amo – disse a flor. – Foi culpa minha se você não percebeu. Isso não tem importância. Mas você foi tão bobo quanto eu. Trate de ser feliz... Largue essa redoma. Não a quero mais.

– Mas o vento...

– Não estou tão resfriada assim... O ar fresco da noite me fará bem. Sou uma flor.

– Mas os animais...

– Tenho que aturar duas ou três lagartas se quiser conhecer as borboletas. Parece que são muito lindas. Senão, quem virá me visitar? Você estará longe. Quanto aos animais grandes, nada temo. Tenho minhas garras.

E, ingenuamente, mostrou seus quatro espinhos. Então acrescentou: – Não fique aí parado, é irritante. Você decidiu partir. Vá.

Pois ela não queria que ele a visse chorando. Era uma flor muito orgulhosa...



10

Ele se encontrava na região dos asteroides 325, 326, 327, 328, 329 e 330. Começou então por visitá-los, para neles procurar uma ocupação e instruir-se.

O primeiro era habitado por um rei. O rei, trajando púrpura e arminho, sentava-se num trono ao mesmo tempo suntuoso e bastante simples.

– Ah, finalmente um súdito! – exclamou o rei, ao deparar com o pequeno príncipe.

O pequeno príncipe ficou intrigado:

“Como ele pode me reconhecer se nunca me viu antes?”

Não sabia que, para os reis, o mundo é muito simplificado. Todos os homens são súditos.

– Aproxime-se para que eu o veja melhor – disse-lhe o rei, todo prosa de ser rei para alguém.

O pequeno príncipe procurou com os olhos onde sentar, mas o planeta achava-se completamente tomado pelo magnífico manto de arminho. Ficou em pé, portanto e, como estava cansado, bocejou.

– É contra o protocolo bocejar na presença de um rei – disse-lhe o monarca. – Eu o proíbo.

– É irresistível – respondeu o pequeno príncipe, sem jeito. – Fiz uma viagem longa e não dormi...

– Então – decidiu o rei –, ordeno que boceje. Faz anos que não vejo ninguém bocejar. Acho os bocejos muito curiosos. Vamos! Boceje de novo. É uma ordem.

– Isso me intimida... Não consigo mais... – respondeu o príncipe, corando.

– Hum! Hum! – vacilou o rei. – Então eu... ordeno que boceje um pouco e depois...

Gaguejou ligeiramente, parecendo envergonhado.

Pois o essencial para o rei era que sua autoridade fosse respeitada. Não tolerava desobediência. Era um monarca absoluto. Porém, como era muito bom, dava ordens razoáveis.

– Se eu ordenasse – ele costumava dizer –, se eu ordenasse a um general que se transformasse em ave marinha e o general não obedecesse, o general não teria culpa. A culpa seria minha.

– Posso me sentar? – indagou timidamente o pequeno príncipe.

– Ordeno que faça isso – respondeu-lhe o rei, afastando majestosamente uma aba de seu manto de arminho.

Mas o pequeno príncipe estava perplexo. O planeta era minúsculo. O rei, afinal, reinava sobre o quê?

– Majestade... – disse-lhe – peço-vos perdão por interrogar-vos...

– Ordeno que me interrogue – apressou-se a dizer o rei.

– Majestade... sobre o que reinais?

– Sobre tudo – respondeu o rei, com grande simplicidade.

– Sobre tudo?

Com um gesto discreto, o rei apontou para o seu planeta, para os outros planetas e para as estrelas.

– Tudo isso? – disse o pequeno príncipe.

– Tudo isso... – respondeu o rei.

Pois ele não era só um monarca absoluto, era um monarca universal.

– E as estrelas vos obedecem?

– Evidentemente – disse o rei. – Obedecem sem titubear. Indisciplina é coisa que não tolero.

Tal poder deslumbrou o pequeno príncipe. Se o detivesse, teria podido assistir não a quarenta e quatro, mas sim a setenta e dois, ou mesmo cem, ou mesmo duzentos poentes no mesmo dia, e sem tirar sua cadeira do lugar! E, sentindo-se um pouco triste ao se lembrar de seu planetinha abandonado, ele se atreveu a solicitar uma graça do rei:



– Eu gostaria de assistir a um pôr-do-sol... Dai-me essa alegria... Ordenai ao sol que se ponha...

– Se eu ordenasse a um general para ficar pousando de flor em flor, feito uma borboleta, ou escrever uma tragédia, ou se transformar em ave marinha, e o general não executasse a ordem recebida, quem estaria errado ele ou eu?

– Seríeis vós – respondeu o pequeno príncipe sem rodeios.

– Exato. Cumpre exigir de cada um o que cada um pode dar – prosseguiu o rei. – A autoridade repousa antes de tudo na razão. Se você ordenar ao seu povo que se atire no mar, ele fará uma revolução. Tenho o direito de exigir obediência porque minhas ordens são razoáveis.

– E o meu pôr-do-sol? – lembrou o pequeno príncipe, que nunca desistia de uma pergunta depois de fazê-la.

– Terá o seu pôr-do-sol. Exigirei isso. Porém, segundo a ciência do governo,

aguardarei que as condições se mostrem favoráveis.

– Quando será isso? – quis saber o pequeno príncipe.

– Humpf! Humpf! – respondeu o rei, que primeiro consultou um grosso calendário. – Humpf! Humpf! Será em torno de... em torno de... será esta noite em torno das sete e quarenta! E verá como sou obedecido.

O pequeno príncipe bocejou. Lamentava por seu poente frustrado. Além disso, já se entediava um pouco:

– Não tenho mais nada a fazer aqui – disse ao rei. – Vou embora!

– Não vá – intimou o rei, que não cabia em si de orgulho por ter um súdito. – Não vá, nomeio-o ministro!

– Ministro de quê?

– Da... da justiça!

– Mas não há ninguém para ser julgado!

– Não sabemos – retrucou o rei. – Ainda não percorri o meu reino. Estou muito velho, não tenho lugar para guardar uma carruagem e andar me cansa.

– Oh, mas eu já vi – disse o pequeno príncipe, que se esticou para dar mais uma espiada no outro lado do planeta. – Também não há ninguém desse lado...

– Então você julgará a si mesmo – respondeu o rei. – É o mais difícil. É muito mais difícil julgar a si mesmo do que a outra pessoa. Se conseguir julgar a si mesmo corretamente, você é um verdadeiro sábio.

– Posso perfeitamente julgar a mim mesmo – disse o pequeno príncipe –, em qualquer lugar. Não preciso morar aqui.

– Humpf! Humpf! – fez o rei. – Pensando bem, acho que há um rato velho no meu planeta. Ouço-o à noite. Você pode julgar esse rato velho. Condene-o à morte de tempos em tempos. Assim a vida dele dependerá da sua justiça. Mas, para economizá-lo, seja sempre misericordioso. Ele é o único.

– A mim não agrada condenar ninguém à morte – respondeu o pequeno príncipe –, e agora acho mesmo que estou de partida.

– Não – disse o rei.

Concluídos seus preparativos, o pequeno príncipe não quis magoar o velho monarca:

– Se Vossa Majestade deseja ser rigorosamente obedecida, dê-me uma ordem razoável. Poderia me ordenar, por exemplo, que partisse dentro de um minuto. Parece-me que as condições são favoráveis...

Como o rei não respondeu, o pequeno príncipe, com uma ligeira hesitação e um suspiro, acabou partindo.

– Nomeio-o meu embaixador – o rei pôs-se a gritar.

Tinha um ar de grande autoridade.

“Os adultos são muito estranhos”, pensou o pequeno príncipe consigo mesmo durante sua viagem.

11

O segundo planeta era habitado por um vaidoso:

– Ah! Ah! A visita de um admirador! – exclamou de longe o vaidoso, tão logo avistou o pequeno príncipe.

Para os vaidosos, os outros homens são sempre admiradores.

– Bom dia – disse o pequeno príncipe. – Que chapéu gozado o seu.

– É para agradecer – explicou o vaidoso. – É para agradecer quando sou aclamado. Lamentavelmente, ninguém nunca passa por aqui.



– Ah é? – disse o pequeno príncipe, sem compreender.

– Bata as mãos uma na outra – pediu então o vaidoso.

O pequeno príncipe bateu as mãos. O vaidoso agradeceu modestamente, tirando o chapéu.

“Isso é mais divertido que a visita ao rei”, pensou o pequeno príncipe. E voltou a bater as mãos uma na outra. O vaidoso voltou a agradecer, tirando o chapéu.

Após cinco minutos de repetições, o pequeno príncipe cansou da monótona brincadeira: – E para o chapéu cair, o que devo fazer?

Mas o vaidoso não ouviu. Os vaidosos nunca ouvem nada, a não ser elogios.

– É verdade que você me admira muito? – perguntou ele ao pequeno príncipe.

– O que significa admirar?

– Admirar significa reconhecer que sou o homem mais bonito, mais bem-vestido, mais rico e mais inteligente do planeta.

– Mas só tem você no seu planeta!

– Por favor. Admire-me assim mesmo!

– Está bem – disse o pequeno príncipe, com certa indiferença. – Mas afinal por que isso é tão importante para você?

E o pequeno príncipe foi embora.

“Os adultos são realmente muito bizarros”, ele pensou consigo mesmo, na maior simplicidade, durante sua viagem.

12

O planeta seguinte era habitado por um beberrão. Foi uma visita muito curta, que mergulhou o pequeno príncipe numa grande melancolia: – O que faz aqui? – perguntou ele ao beberrão, a quem encontrara instalado em silêncio diante de uma fileira de garrafas vazias e outra de garrafas cheias.

– Eu bebo – respondeu o beberrão, com um ar triste.

– Por que bebe? – perguntou o pequeno príncipe.

– Para esquecer – respondeu o beberrão.

– Para esquecer o quê? – inquiriu o pequeno príncipe, sentindo pena dele.

– Para esquecer que tenho vergonha – confessou o beberrão, abaixando a cabeça.

– Vergonha de quê? – quis saber o pequeno príncipe, com a intenção de consolá-lo.

– Vergonha de beber! – concluiu o beberrão, e não falou mais uma palavra.

O pequeno príncipe foi embora, perplexo.

“Os adultos são decididamente muito, muito estranhos”, pensou ele durante a viagem.



13

O quarto planeta pertencia ao homem de negócios. Ele estava tão atarefado que nem levantou a cabeça quando o pequeno príncipe chegou.

– Bom dia – disse-lhe o recém-chegado. – Seu cigarro apagou.

– Três mais dois, cinco. Cinco mais sete, doze. Doze mais três, quinze. Bom dia. Quinze mais sete, vinte e dois. Vinte e dois mais seis, vinte e oito. Não tenho tempo de acendê-lo. Vinte e seis mais cinco, trinta e um. Ufa! Temos então quinhentos e um milhões, seiscentos e vinte e dois mil, setecentos e trinta e um.

– Quinhentos milhões de quê?

– Hein? Você continua aí? Quinhentos e um milhões de... não sei mais... Estou super ocupado! Sou uma pessoa séria, não perco meu tempo com bobagens! Dois mais cinco, sete...

– Quinhentos milhões de quê? – repetiu o pequeno príncipe, que nunca na vida desistira de uma pergunta depois de fazê-la.



O homem de negócios ergueu a cabeça: – Nos cinquenta e quatro anos que moro neste planeta, só fui importunado três vezes. A primeira, há vinte e dois anos, por um besouro, que tinha aparecido não sei de onde. Fazia um barulho insuportável e cometi quatro erros numa soma. A segunda, há onze anos, por uma crise de reumatismo. Não faço ginástica. Não tenho tempo de saracotear por aí. Sou uma pessoa séria. A terceira vez... é esta! Como eu ia dizendo, quinhentos e um milhões...

– Milhões de quê?

O homem de negócios compreendeu que não havia esperança de ser deixado em paz: – Milhões dessas coisinhas que costumamos ver no céu.

– Moscas?

– Claro que não, dessas coisinhas que brilham.

– Abelhas?

– Claro que não. As coisinhas douradas que fazem os inúteis devanear. Mas eu sou sério! Não tenho tempo para devaneios.

– Ah! Estrelas?

– Isso mesmo. Estrelas.

– E o que faz com quinhentos milhões de estrelas?

– Quinhentos e um milhões, seiscentos e vinte e dois mil, setecentos e trinta e um. Pois eu sou sério, sou preciso.

– E o que faz com essas estrelas?

– O que faço com elas?

– Sim.

– Nada. Eu as possuo.

– Possui as estrelas?

– Sim.

– Mas já vi um rei que...

– Os reis não possuem. “Reinam” sobre. É completamente diferente.

– E para que serve possuir estrelas?

– Serve para ser rico.

– E para que ser rico?

– Para comprar outras estrelas, se alguém vier a descobri-las.

Esse aí, refletiu o pequeno príncipe, raciocina um pouco como o beberrão.

Mesmo assim, fez outras perguntas:

– Como alguém pode possuir estrelas?

– A quem elas pertencem? – rebateu, mal-humorado, o homem de negócios.

– Não sei. A ninguém.

– Então são minhas, pois tive a ideia primeiro.

– Só por isso?

– Claro. Quando você encontra um diamante que não é de ninguém, ele é seu. Quando você encontra uma ilha que não é de ninguém, ela é sua. Quando você tem uma ideia primeiro, você tira uma patente: ela é sua. Eu possuo as estrelas, pois ninguém antes de mim cogitou possuí-las.

– É verdade – concordou o pequeno príncipe. – E o que faz com elas?

– Administro-as. Conto-as e reconto-as – explicou o homem de negócios. – É difícil. Mas sou um homem sério!

O pequeno príncipe ainda não estava satisfeito.

– Se possuo um cachecol, posso colocá-lo em volta do pescoço e levá-lo comigo. Se possuo uma flor, posso colher minha flor e levá-la comigo. Mas você não pode colher as estrelas!

– Não, mas posso depositá-las no banco.

– O que significa isso?

– Significa que escrevo num papelzinho o somatório de minhas estrelas. E depois guardo esse papel numa gaveta e passo a chave.

– Mais nada?

– Já chega.

É divertido, pensou o pequeno príncipe. É bastante poético. Mas não é lá muito sério.

No que se refere a coisas sérias, o pequeno príncipe pensava muito diferente dos adultos.

– Pois eu – ele disse ainda – possuo uma flor, que rego diariamente. Possuo três vulcões, que limpo toda semana. Porque também limpo o extinto. Nunca se sabe. O fato de eu possuí-los é útil para os meus vulcões e é útil para a minha flor. Mas você não é útil para as estrelas...

O homem de negócios abriu a boca, mas não encontrou nada para responder e o pequeno príncipe partiu.

“Os adultos são mesmo absolutamente extraordinários”, pensava ele, durante a viagem, consigo mesmo.

14

Muito curioso o quinto planeta. Era o menor de todos. Nele só cabiam um poste e um acendedor de postes. O pequeno príncipe não atinava para que podiam servir, num lugar perdido no céu, num planeta sem casas nem população, um poste e um acendedor de postes. No entanto, refletiu: – Esse homem pode até ser absurdo. Ainda assim, é menos absurdo que o rei, que o vaidoso, que o homem de negócios e que o beberão. Pelo menos seu trabalho tem um sentido. Quando ele acende seu poste, é como se concebesse mais uma estrela ou uma flor. Quando ele apaga seu poste, faz com que a estrela ou a flor adormeçam. É uma atividade muito bonita. E realmente útil, uma vez que é bonita.

Chegando no planeta, cumprimentou respeitosamente o acendedor.

– Bom dia. Por que acaba de apagar o seu poste?

– É a norma – respondeu o acendedor. – Bom dia.

– Qual é a norma?

– Apagar o meu poste. Boa noite.

E o acendeu novamente.

– Mas por que acaba de acendê-lo de novo?

– É a norma – respondeu o acendedor.

– Não compreendo – hesitou o pequeno príncipe.

– Não há nada a ser compreendido – disse o acendedor. – Normas são normas. Bom dia.

E apagou o poste.

Depois secou a testa com um lenço xadrez vermelho.

– É uma profissão terrível. Antigamente, era mais racional. Eu apagava de manhã e acendia à noite. Tinha o resto do dia para descansar e o resto da noite para dormir...

– E depois a norma mudou?

– A norma não mudou – disse o acendedor. – Aí é que está o drama! Com o passar dos anos, o planeta deu para girar mais depressa e a norma não mudou!

– E daí? – perguntou o pequeno príncipe.

– Daí que agora ele efetua uma rotação por minuto e não tenho mais um segundo de repouso. Acendo e apago uma vez por minuto!

– Que gozado! Onde você mora os dias duram um minuto!

– Não é nada gozado – disse o acendedor. – Já faz um mês que estamos conversando.

– Um mês?

– Sim. Trinta minutos. Trinta dias! Boa noite.



E tornou a acender o poste.

O pequeno príncipe olhou para ele e gostou daquele acendedor de postes tão obediente à norma. Lembrou-se dos poentes que, no passado, ele procurava, trocando sua cadeira de lugar. Quis ajudar o amigo: – Sabe... conheço um jeito de você descansar quando quiser...

– Eu quero sempre – disse o acendedor.

Pois é possível ser responsável e preguiçoso ao mesmo tempo.

O pequeno príncipe continuou:

– Seu planeta é tão pequeno que em três passos damos a volta nele. Basta andar devagar o suficiente para estar sempre do lado do sol. Quando quiser descansar, é só andar... e o dia terá a duração que lhe aprouver.

– Isso não me adianta muita coisa – disse o acendedor. – O que gosto na vida é de dormir.

– Que falta de sorte – disse o pequeno príncipe.

– Que falta de sorte – concordou o acendedor. – Bom dia.

E apagou seu poste.

“Esse aí”, pensou o pequeno príncipe enquanto seguia viagem, “seria desprezado por todos os outros, pelo rei, pelo vaidoso, pelo beberrão e pelo homem de negócios. É o único, contudo, que não me parece ridículo. Talvez seja porque cuida de outra coisa que não de si mesmo.”

Deu um suspiro nostálgico e murmurou:

– Esse aí é o único que eu gostaria de ter como amigo. Mas seu planeta é mesmo minúsculo. Não há espaço para dois...

O que o pequeno príncipe não ousava confessar era o carinho que sentia por aquele planeta abençoado, especialmente em virtude dos seus mil quatrocentos e quarenta poentes a cada vinte e quatro horas!

15

O sexto planeta era dez vezes maior. Era habitado por um velho senhor, que escrevia livros enormes.

- Puxa! Um explorador! – ele exclamou, ao avistar o pequeno príncipe.
- Este sentou-se à mesa, um pouco ofegante. Viajara tanto!
- De onde você vem? – perguntou o velho senhor.



- Que calhamaço é esse? – disse o pequeno príncipe. – O que faz aqui?
- Sou geógrafo – respondeu o velho senhor.
- O que é um geógrafo?
- É um cientista que sabe onde ficam mares, rios, cidades, montanhas e desertos.
- Que coisa mais interessante – disse o pequeno príncipe. – Finalmente uma profissão de verdade! – E deu uma espiada à sua volta, no planeta do geógrafo. Nunca tinha visto planeta tão majestoso.

- Seu planeta é muito bonito. Tem algum oceano?
- Não posso saber – disse o geógrafo.
- Ah! (O pequeno príncipe estava decepcionado.) E montanhas?
- Não posso saber – disse o geógrafo.
- E cidades e rios e desertos?
- Também não posso saber – disse o geógrafo.
- Mas o senhor é geógrafo!

– Exato – disse o geógrafo –, mas não sou explorador. Sinto uma falta danada de exploradores. Não é o geógrafo que faz a contagem das cidades, rios, montanhas, mares, oceanos e desertos. O geógrafo é importante demais para zanzar por aí. Ele não sai de seu gabinete. É nele, aliás, que recebe os exploradores. Interroga-os e anota suas recordações. E, quando julga interessantes as recordações de algum deles, o geógrafo instaura um inquérito sobre a credibilidade do explorador.

– Por que isso?

– Porque um explorador que mentisse arruinaria com os livros de geografia. Da mesma forma um explorador que exagerasse na bebida.

– Por que isso? – indagou o pequeno príncipe.

– Porque os bêbados veem tudo duplicado. Assim o geógrafo registraria duas montanhas onde só existe uma.

– Conheço alguém – comentou o pequeno príncipe – que seria um mau explorador.

– É possível. Logo, quando a credibilidade do explorador é comprovada, abre-se um inquérito a respeito de sua descoberta.

– Vão verificar?

– Não. Seria complicado demais. Mas exigem do explorador que forneça provas. Quando se trata, por exemplo, da descoberta de uma montanha volumosa, ele deve trazer pedras volumosas.

O geógrafo teve um estalo:

– Ei, você vem de longe! É um explorador! Descreva-me seu planeta!

E o geógrafo, abrindo seu livro de registro, apontou o lápis. Os relatos dos exploradores são primeiramente anotados a lápis. Para registrá-los a caneta, aguarda-se que o explorador tenha fornecido as provas.

– Então? – indagou o geógrafo.

– Oh! Onde eu moro – disse o pequeno príncipe – não é lá essas coisas, é

minúsculo. Tenho três vulcões. Dois em atividade e um extinto. Mas nunca se sabe.

– Nunca se sabe – concordou o geógrafo.

– Também tenho uma flor.

– Não registramos flores – disse o geógrafo.

– E por quê?! É o mais bonito!

– Porque as flores são efêmeras.

– O que significa “efêmero”?

– As geografias – explicou o geógrafo – são os livros mais valiosos de todos os livros. Nunca saem de moda. É raríssimo uma montanha mudar de lugar. É raríssimo um oceano secar. Nós escrevemos sobre coisas eternas.

– Mas vulcões extintos podem acordar – interrompeu o pequeno príncipe. – O que significa “efêmero”?

– Para nós – prosseguiu o geógrafo –, tanto faz um vulcão estar extinto ou em atividade. O que conta, para nós, é a montanha. Ela não muda.

– Mas o que significa “efêmero”? – repetiu o pequeno príncipe, que, a vida inteira, nunca desistira de uma pergunta depois de fazê-la.

– Significa “ameaçado de morte iminente”.

– Minha flor está ameaçada de morte iminente?

– Sem dúvida.

“Minha flor é efêmera”, refletiu o pequeno príncipe “e tem apenas quatro espinhos para se defender do mundo! E eu a deixei sozinha em casa!”

Foi a primeira vez que sentiu saudade. Mas recobrou o ânimo: – Que lugar me aconselha a visitar? – perguntou.

– O planeta Terra – respondeu o geógrafo. – Ele tem uma boa reputação...

E o pequeno príncipe foi embora, pensando em sua flor.



16

O sétimo planeta, então, foi a Terra.

A Terra não é um planeta qualquer! Nela contabilizamos cento e onze reis (sem esquecer, naturalmente, os reis negros), sete mil geógrafos, novecentos mil homens de negócios, sete milhões e meio de beberrões e trezentos e onze milhões de vaidosos, ou seja, cerca de dois bilhões de adultos.

Para dar uma ideia das dimensões da Terra, basta dizer que, antes da invenção da eletricidade, era necessário manter, para o conjunto dos seis continentes, um verdadeiro exército de quatrocentos e sessenta e dois mil, quinhentos e onze acendedores de postes.

Visto um pouco de longe, o efeito era esplêndido. Os movimentos desse exército eram coreografados como os de um balé de ópera. Primeiro vinham os acendedores da Nova Zelândia e da Austrália. Estes, após acenderem seus postes, iam dormir. Entravam então na dança os acendedores de postes da China e da Sibéria. Depois eles também sumiam nas coxias. A seguir, era a vez dos acendedores da Rússia e da Índia. Depois vinham os da África e da Europa. Depois os da América do Sul. Depois os da América do Norte. E eles nunca erravam a ordem de entrada em cena. Era maravilhoso.

Solitários, o acendedor do único poste do polo Norte e seu colega do único poste do polo Sul levavam vidas ociosas e despreocupadas: afinal, trabalhavam duas vezes por ano.

Quando queremos fazer algo engraçado, terminamos por mentir um pouco. Não fui muito honesto ao me referir aos acendedores de postes. Arrisco-me a dar uma falsa ideia de nosso planeta àqueles que não o conhecem. Os homens ocupam pouquíssimo espaço na Terra. Se os dois bilhões de habitantes que a povoam ficassem em pé um pouco espremidos, como num comício, lotariam facilmente uma praça pública de vinte milhas de comprimento por vinte de largura. Seria possível reunir a humanidade no mais ínfimo rochedo do Pacífico.

Os adultos, naturalmente, não acreditarão em vocês. Eles imaginam ocupar muito espaço. Veem-se importantes como baobás. Aconselhem-nos então a fazer a conta. Eles adoram números: vão se deliciar. Mas não percam tempo com esse martírio. É inútil. Confiem em mim.

Ao chegar à Terra, portanto, o pequeno príncipe ficou bastante admirado de não ver ninguém. Já receava haver se enganado de planeta, quando uma forma circular da cor da lua se mexeu na areia.

– Boa noite – disse o pequeno príncipe, por via das dúvidas.

– Boa noite – fez a serpente.

– Em que planeta caí? – perguntou o pequeno príncipe.

– Na Terra, na África – respondeu a serpente.

– Ah...! Então ninguém mora na Terra?

– Aqui é o deserto. Ninguém mora em desertos. A Terra é grande – disse a serpente.

O pequeno príncipe sentou-se numa pedra e ergueu os olhos para o céu: – Eu me pergunto – disse ele – se as estrelas brilham para que um dia todos possam encontrar a sua. Veja o meu planeta. Está bem aqui em cima... Mas como é longe!

– Ele é bonito – disse a serpente. – O que veio fazer aqui?

– Tive problemas com uma flor – explicou o pequeno príncipe.

– Ah! – fez a serpente.

E calaram-se.

– Onde estão os homens? – retomou o pequeno príncipe. – Nos sentimos um pouco sós no deserto...

– Também nos sentimos sós entre os homens – disse a serpente.

O pequeno príncipe fitou-a longamente:

– Você é um animal engraçado – terminou por lhe dizer –, fino como um dedo...



– Contudo sou mais poderosa que o dedo de um rei – disse a serpente.

O pequeno príncipe abriu um sorriso:

– Você não é nada poderosa... nem patas tem... não pode sequer viajar...

– Posso levá-lo mais longe que um navio – disse a serpente.

E enrolou-se no tornozelo do pequeno príncipe, como uma pulseira de ouro:

– Devolvo aquele que eu toco à terra de onde saiu – disse ainda. – Mas você é puro e vem de uma estrela...

O pequeno príncipe não disse nada.

– Você me dá pena, tão fraco nessa Terra de granito. Posso ajudá-lo um dia,

se as saudades do seu planeta apertarem. Posso...

– Oh! Compreendi perfeitamente – exclamou o pequeno príncipe –, mas por que fala sempre por enigmas?

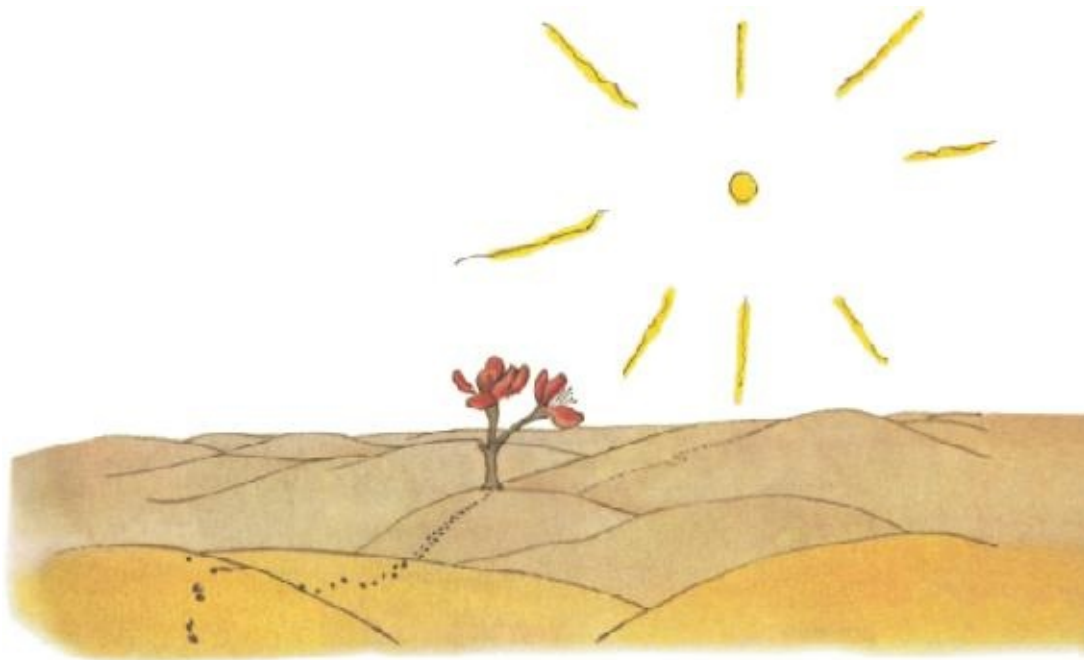
– Porque sei resolvê-los – disse a serpente.

E os dois se calaram.

18

O pequeno príncipe atravessou o deserto e encontrou apenas uma flor. Uma flor de três pétalas, uma flor que não era de nada...

- Bom dia – disse o pequeno príncipe.
- Bom dia – respondeu a flor.
- Onde estão os homens? – perguntou educadamente o pequeno príncipe.



Um dia, a flor vira uma caravana passar: – Homens! Existem seis ou sete, acho. Faz muitos anos que os vi. Mas nunca sabemos onde encontrá-los. O vento os leva para lá e para cá. Faltam-lhes raízes, o que os atrapalha muito.

- Adeus – disse o pequeno príncipe.
- Adeus – disse a flor.

19

O pequeno príncipe escalou uma montanha altíssima. As únicas montanhas que ele conhecia eram os três vulcões que batiam no seu joelho. E ele usava o vulcão extinto como se fosse um banquinho. “De uma montanha alta como esta”, pensou, “com um único olhar enxergarei todo o planeta e todos os homens...” Mas nada viu a não ser picos pontiagudos.

– Bom dia – disse, para o vazio.

– Bom dia... Bom dia... Bom dia... – respondeu o eco.

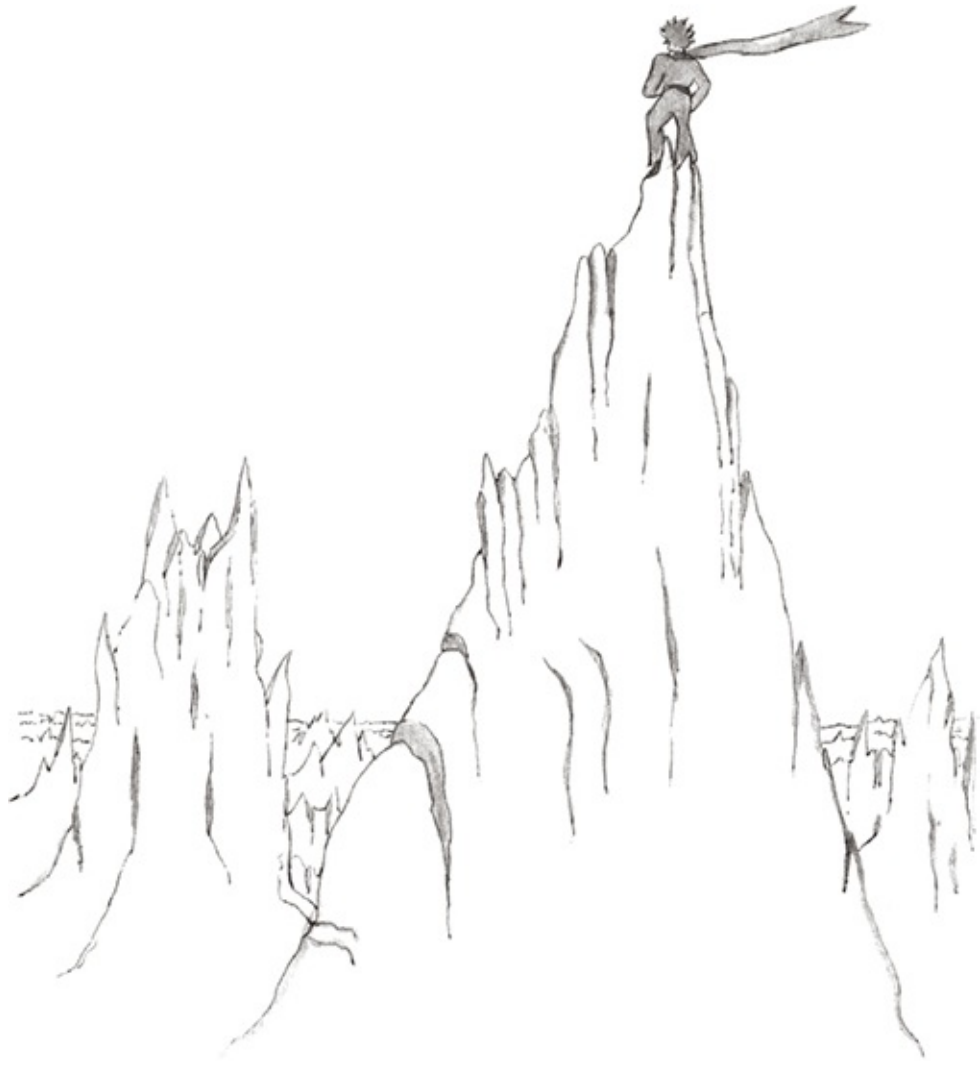
– Quem são vocês? – perguntou o pequeno príncipe.

– Quem são vocês... quem são vocês... quem são vocês... – respondeu o eco.

– Sejam meus amigos, estou sozinho – ele disse.

– Estou sozinho... estou sozinho... estou sozinho... – respondeu o eco.

“Que planeta esquisito!” pensou. “É todo seco, todo pontudo, todo salgado. E os homens não têm imaginação. Repetem o que ouvem... Onde eu moro eu tinha uma flor: ela era sempre a primeira a falar...”



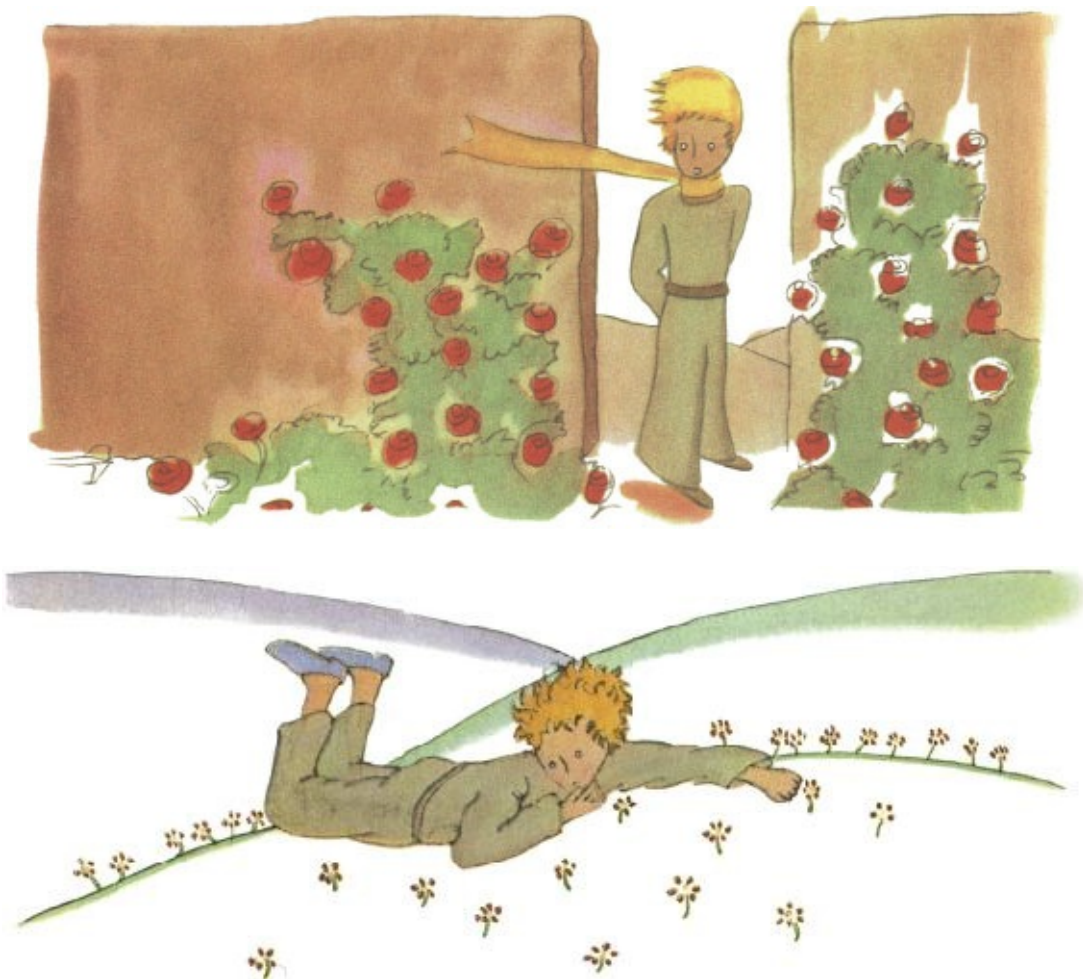
Mas aconteceu de o pequeno príncipe, após vagar por areias, rochas e neves, finalmente descobrir uma estrada. E todas as estradas levam aos homens.

– Bom dia – ele disse.

Era um jardim de rosas.

– Bom dia – responderam as rosas.

O pequeno príncipe observou-as. Eram iguaizinhas à sua flor.



– Quem são vocês? – perguntou, atônito.

– Somos rosas – apresentaram-se as rosas.

– Ah...! – fez o pequeno príncipe.

E sentiu-se imensamente infeliz. Sua flor afirmara que era a única de sua

espécie no universo. E eis que havia cinco mil, todas iguais, num único jardim!

“Ela morreria de vergonha”, ele pensou, “se visse isso... tossiria escandalosamente e fingiria morrer para escapar ao ridículo. E eu terminaria obrigado a fingir que cuidaria dela, senão, para me humilhar também, ela murcharia de verdade...”

Também pensou: “Eu me julgava rico ao possuir uma flor única, quando possuo apenas uma rosa comum. Isso e três vulcões que me batem no joelho – um dos quais, talvez, esteja extinto para sempre – não fazem de mim um príncipe lá muito importante...” E, deitado na relva, chorou.

21

Foi quando a raposa apareceu:

- Bom dia – disse a raposa.
- Bom dia – respondeu educadamente o pequeno príncipe, que, olhando para trás, não viu nada.
- Estou aqui – disse a voz –, debaixo da macieira.



- Quem é você? – perguntou o pequeno príncipe. – Que bonita você é.
- Sou uma raposa – disse a raposa.
- Venha brincar comigo – convidou o pequeno príncipe. – Estou muito triste...
- Não posso brincar com você – disse a raposa. – Não fui cativada.
- Ah! Desculpe – disse o pequeno príncipe.
- Contudo, depois de pensar, acrescentou: – O que você quer dizer com “cativar”?
- Você não é daqui – disse a raposa –, o que procura?
- Procuo os homens – disse o pequeno príncipe. – O que você quer dizer

com “cativar”?

– Os homens – disse a raposa – têm espingardas e caçam. É muito desagradável! Também criam galinhas. Só pensam nisso. Você procura galinhas?

– Não – disse o pequeno príncipe. – Procuo amigos. O que você quer dizer com “cativar”?

– É uma coisa muito esquecida – disse a raposa. – Significa “criar laços”...

– Criar laços?

– Claro – disse a raposa. – Para mim, você ainda não passa de um garotinho igual a cem mil garotinhos. E não preciso de você. E você tampouco de mim. Para você, não passo de uma raposa igual a cem mil raposas. Porém, se você me cativar, precisaremos um do outro. Você será único no mundo para mim. Serei único no mundo para você...

– Começo a compreender – disse o pequeno príncipe. – Há uma flor... acho que ela me cativou...

– É – disse a raposa. – Existe de tudo na Terra...

– Oh, ela não vive na Terra – disse o pequeno príncipe.

A raposa pareceu intrigadíssima:

– Em outro planeta?

– Sim.

– Há caçadores nesse planeta?

– Não.

– Isso, sim, é interessante! E galinhas?

– Não.

– Estava bom demais... – suspirou a raposa.

E retomou o raciocínio:

– Minha vida é monótona. Eu caço galinhas, os homens me caçam. Todas as galinhas são iguais, todos os homens são iguais. Ou seja, fico um pouco entediado. Mas se você me cativar, o sol iluminará minha vida. Conhecerei passos que soam diferente de todos os outros. Os outros passos me fazem sumir debaixo da terra. Os seus me atrairão para fora da toca, feito música. E depois, olhe! Vê, lá longe, os campos de trigo? Eu não como pão. Para mim, o trigo é inútil. Os campos de trigo não me dizem nada. E isso, sim, é triste! Mas seus cabelos são dourados. Então será maravilhoso quando tiver me cativado! O trigo, que é da cor do ouro, evocará sua lembrança. E me deliciarei com o rumor do vento no trigo...

A raposa calou-se e fitou demoradamente o pequeno príncipe: – Por favor... cative-me!

– Quem me dera – respondeu o pequeno príncipe –, mas estou sem tempo. Tenho amigos para encontrar e muitas coisas para conhecer.

– Só conhecemos as coisas que cativamos – disse a raposa. – Os homens não têm mais tempo de conhecer nada. Eles compram coisas todas prontas nos comerciantes. Mas como não existem comerciantes de amigos, os homens não têm mais amigos. Se quer um amigo, cative-me!



– O que devo fazer? – perguntou o pequeno príncipe.

– Deve ser muito paciente – respondeu a raposa. – A primeira coisa é sentar um pouco mais longe de mim, isso, na relva. Eu olho para você de rabo de olho e você não diz nada. A linguagem é fonte de mal-entendidos. Porém, a cada dia que passa, você se aproxima um pouco mais...

No dia seguinte, o príncipe voltou.

– Seria preferível vir à mesma hora – disse a raposa. – Se vier, por exemplo, às quatro da tarde, começarei a ficar feliz a partir das três. À medida que a hora avançar, me sentirei mais feliz. Às quatro, já estarei agitado e preocupado; descobrirei o preço da felicidade! Mas se vier a qualquer hora, nunca saberei o

momento de preparar o meu coração... Rituais são necessários.

– O que é um ritual? – quis saber o pequeno príncipe.

– É uma coisa muito esquecida também – disse a raposa. – É o que faz com que um dia seja diferente dos outros dias, uma hora das outras horas. Há um ritual, por exemplo, entre os meus caçadores. Às quintas-feiras, eles dançam com as moças da aldeia. Então a quinta-feira é um dia maravilhoso! Aproveito para passear até o vinhedo. Se os caçadores dançassem a qualquer hora, os dias seriam todos iguais e eu não teria feriados.



Assim, o pequeno príncipe cativou a raposa. E quando chegou a hora da partida:

– Ah! – disse a raposa – Vou chorar.

– Culpa sua – disse o pequeno príncipe –, eu não lhe queria mal, mas você quis que eu a cativasse...

– Naturalmente – disse a raposa.

– Mas você vai chorar! – disse o pequeno príncipe.

– Naturalmente – disse a raposa.

– Então não ganha nada com isso?

– Ganho – disse a raposa –, por causa da cor do trigo.

Então acrescentou:

– Visite novamente as rosas. Compreenderá que a sua é única no mundo. Volte para se despedir e lhe darei um segredo de presente.

O pequeno príncipe foi rever as rosas.

– Vocês não têm nada a ver com a minha rosa, vocês ainda não são nada – disse-lhes. – Ninguém as cativou e vocês não cativaram ninguém. Vocês são como era a minha raposa. Ela não passava de uma raposa igual a cem mil outras. Mas ela virou minha amiga e agora é única no mundo.

As rosas ficaram embaraçadas.

– Vocês são bonitas, porém vazias – ele acrescentou. – Impossível morrer por vocês. Um andarilho desavisado julgaria minha rosa parecida com vocês. Mas em si ela é mais importante que vocês todas juntas, pois foi ela que eu reguei. Foi ela que coloquei sob uma redoma. Foi ela que protegi com o biombo. Foi ela que liberei das lagartas (menos duas ou três para as borboletas). Foi ela que escutei se queixando, ou se gabando, ou mesmo, às vezes, ficando calada. Ela é que é a minha rosa.

E reencontrou a raposa:

– Adeus... disse.

– Adeus – disse a raposa. – Eis o meu segredo. É muito simples: só enxergamos com o coração. O essencial é invisível para os olhos.

– O essencial é invisível para os olhos – repetiu o pequeno príncipe, para nunca mais esquecer.

– Foi o tempo que você passou com a sua rosa que fez sua rosa tão importante.

– Foi o tempo que passei com a minha rosa... – repetiu o pequeno príncipe, para nunca mais esquecer.

– Os homens esqueceram essa verdade – disse a raposa. – Mas você não deve esquecê-la. Somos sempre responsáveis pelo que cativamos. Você é responsável por sua rosa...

– Sou responsável pela minha rosa... – repetiu o pequeno príncipe, para nunca mais esquecer.

22

– Bom dia – disse o pequeno príncipe.

– Bom dia – respondeu o controlador da ferrovia.

– O que faz aqui? – perguntou o pequeno príncipe.

– Faço a triagem dos passageiros, de mil em mil – disse o controlador. – Libero os trens que os transportam, ora para a direita, ora para a esquerda.

E um expresso iluminado, ribombando feito um trovão, balançou a cabine de controle.

– Que pressa – disse o pequeno príncipe. – Estão atrás de quê?

– Até o homem da locomotiva ignora – disse o controlador.

E, na direção contrária, ribombou um segundo expresso iluminado.

– Já estão de volta? – perguntou o pequeno príncipe.

– Não são os mesmos – disse o controlador. – É uma troca.

– Eles não estavam satisfeitos onde estavam?

– Nunca estamos satisfeitos onde estamos – disse o controlador.

E soou o urro de um terceiro expresso iluminado.

– Eles perseguem os primeiros passageiros? – perguntou o pequeno príncipe.

– Eles não perseguem absolutamente nada – disse o controlador. – Lá dentro, ou dormem ou bocejam. Só as crianças achatam os narizes nos vidros.

– Só as crianças sabem o que procuram – disse o pequeno príncipe. – Elas se entretêm com uma boneca de pano, que se torna muito importante, e se a tiramos delas, choram.

– Sorte a delas – disse o controlador.

23

– Bom dia – disse o pequeno príncipe.

– Bom dia – respondeu o comerciante.

Era um comerciante de comprimidos de última geração para matar a sede. Toma-se um por semana e não sentimos mais sede.

– Por que vende isso? – disse o pequeno príncipe.

– É uma tremenda economia de tempo – explicou o comerciante. – Os especialistas efetuaram os cálculos. É possível poupar cinquenta e três minutos por semana.



– E que fazemos com esses cinquenta e três minutos?

– Fazemos o que dá vontade...

“Pois se eu tivesse cinquenta e três minutos livres”, pensou o pequeno príncipe, “andaria lentamente até uma fonte...”

Estávamos no oitavo dia da minha pane no deserto e, enquanto bebia a última gota do meu estoque de água, eu havia escutado a história do comerciante: – Ah! – eu disse ao pequeno príncipe. – Suas recordações são muito bonitas, mas ainda não consertei meu avião e não tenho mais nada para beber, e também ficaria feliz se pudesse andar lentamente até uma fonte!

– Minha amiga raposa... – ele me disse.

– Meu caro homenzinho, a raposa não tem mais importância!

– Por quê?

– Porque vamos morrer de fome...

Ele não entendeu meu raciocínio e respondeu:

– É bom ter tido um amigo, mesmo quando estamos prestes a morrer. Fico muito feliz de ter tido uma amiga raposa...

Ele não imagina o perigo, pensei. Nunca sentiu fome nem sede. Um pouco de sol lhe basta...

Mas ele me fitou e respondeu ao meu pensamento:

– Também estou com sede... procuremos um poço...

Fiz um gesto de desânimo: absurdo procurar um poço, sem rumo certo, na imensidão do deserto. Mesmo assim, pusemo-nos a caminho.

Depois de andarmos horas a fio, em silêncio, anoiteceu e as estrelas começaram a brilhar. Eu as percebia como num sonho, a sede me dava um pouco de febre. As palavras do pequeno príncipe dançavam na minha cabeça.

– Quer dizer que também está com sede? – perguntei.

Mas ele não respondeu à minha pergunta. Disse simplesmente: – A água também pode ser boa para o coração...

Não compreendi sua resposta, mas me calei... Vi logo que não era hora de interrogá-lo.

Ele estava cansado. Sentou-se. Sentei-me ao seu lado. E, após um silêncio, ele disse ainda: – As estrelas são bonitas por causa de uma flor que a gente não vê...

Respondi “Claro” e, calado, fiquei olhando as ondulações da areia enluarada.

– O deserto é bonito – acrescentou...

Verdade. Sempre gostei do deserto. Sentamo-nos numa duna de areia. Nada se ouve. Nada se vê. E, mesmo assim, alguma coisa refulge em silêncio...

– O que torna bonito o deserto – disse o pequeno príncipe – é que ele esconde um poço em algum lugar...

Fiquei surpreso ao compreender subitamente aquele misterioso brilho da areia. Quando eu era pequeno, morava numa casa antiga, onde, segundo a lenda, havia um tesouro enterrado. Claro, ninguém nunca foi capaz de encontrá-lo, nem tenha talvez sequer o procurado. Mas ele encantava a casa inteira. Minha casa escondia um segredo no fundo de seu coração...

– Sim – eu disse ao pequeno príncipe –, quer se trate da casa, das estrelas ou do deserto, o que os torna belos é invisível!

– É um prazer vê-lo concordando com a minha raposa – ele disse.

O pequeno príncipe cabeceava de sono, então botei-o no colo e retomei a caminhada. Eu estava comovido. Senti como se carregasse um tesouro frágil. Senti inclusive não haver nada tão frágil sobre a Terra. Eu olhava, ao luar, aquela fronte pálida, os olhos fechados, as mechas de cabelos tremulando ao vento e pensava: “O que vejo aqui é apenas uma casca. O mais importante é invisível...”

Como seus lábios entreabertos esboçavam um sorriso, pensei ainda: “O que me mais me comove nesse príncipezinho adormecido é sua fidelidade a uma flor, é a imagem de uma rosa que refulge nele como a chama de um lampião, mesmo quando ele dorme...” E pude vê-lo ainda mais frágil. Convém de fato proteger os lampiões: uma ventania pode apagá-los...

E, caminhando, ao raiar do dia deparei com o poço.

25

– Os homens – disse o pequeno príncipe – enfurnam-se nos trens expressos, não sabem mais o que procuram. Então se agitam e giram em círculo...

E acrescentou:

– Não vale a pena...

O poço que havíamos alcançado não parecia com os poços saarianos, simples buracos escavados na areia. Parecia mais um poço de aldeia. Porém não havia nenhuma aldeia ali, e julguei estar sonhando.

– É estranho – eu disse ao pequeno príncipe –, está tudo preparado: a roldana, o balde e a corda...

Ele riu, apalpou a corda, fez a roldana funcionar. E a roldana gemeu como um velho cata-vento que gira depois de o vento dormir por muito tempo.

– Ouça – disse o pequeno príncipe –, despertamos o poço e ele agora está cantando...

Eu não queria que ele fizesse força:



– Pode deixar – eu disse –, é pesado demais para você.

Lentamente, icei o balde até a beirada do poço. Instalei-o ali bem aprumado. Nos meus ouvidos ainda ressoava o canto da roldana e, na água ainda trêmula, eu via tremer o sol.

– Tenho sede dessa água – disse o pequeno príncipe –, me dê um pouco...

E compreendi o que ele havia procurado!

Ergui o balde até seus lábios. Ele bebeu, de olhos fechados. Era doce como uma festa. Aquela água era muito mais que um alimento. Nascera da caminhada sob as estrelas, do canto da roldana, do esforço de meus braços. Fazia bem ao coração, como um presente. Quando eu era pequeno, a luz da árvore de Natal, a música da missa do galo, a doçura dos sorrisos impregnavam a aura do presente de Natal que eu ganhava.

– Os homens lá de onde você mora – disse o pequeno príncipe – cultivam

cinco mil rosas num mesmo jardim... e não encontram nele o que procuram.

– Não encontram... – concordei.

– No entanto, o que eles procuram poderia ser encontrado numa única rosa ou num pouco d'água...

– Com certeza – concordei.

O pequeno príncipe acrescentou:

– Mas os olhos são cegos. Convém procurar com o coração.

Matei a sede. Respirava bem. A areia, ao raiar do dia, é cor de mel. Eu estava feliz também com aquela cor de mel. Qual o motivo de tanto sacrifício...

– Agora cumpra sua promessa – disse gentilmente o pequeno príncipe, que sentara outra vez ao meu lado.

– Que promessa?

– Você sabe... uma focinheira para o meu carneiro... sou responsável por aquela flor!

Tirei do bolso os rascunhos de meus desenhos. O pequeno príncipe viu-os e disse, rindo: – Seus baobás parecem couves...

– Oh!

E eu estava tão orgulhoso daqueles baobás!

– Sua raposa... as orelhas... parecem chifres... e são compridas demais!

E riu de novo.

– Você é injusto, meu caro homenzinho, eu nunca soube desenhar nada a não ser jiboias fechadas e jiboias abertas.

– Oh! Vai dar tudo certo – ele disse –, as crianças entendem.

Rabisquei então uma focinheira. Senti um aperto no coração ao lhe entregar: – Não sei quais são seus planos...

Ele não me respondeu. Disse:

– Sabe, amanhã faz um ano que aterrissei...

Então, após um silêncio, disse ainda:

– Caí pertinho daqui...

E corou.

Mais uma vez, sem entender o motivo, senti um mal-estar indefinido. Mesmo assim me ocorreu uma pergunta: – Então não era por acaso que, na manhã em que o conheci, uma semana atrás, você vagava, solitário a mil milhas das últimas regiões habitadas! Regressava ao local de sua queda?

O pequeno príncipe corou mais ainda.

E acrescentei, hesitando:

– Por causa, talvez, do aniversário...?

O pequeno príncipe corou novamente. Ele nunca respondia às perguntas, mas, quando alguém fica vermelho, isso significa “sim”, certo?

– Ah! – eu disse. – Estou com medo...

Ele me cortou:

– Agora, precisa trabalhar. Cuide do seu motor. Vou esperá-lo aqui. Volto amanhã à noite...

Mas eu não fiquei sossegado. Lembrava-me da raposa. Corremos o risco de chorar um pouquinho quando nos deixamos cativar...

26

Ao lado do poço havia um velho muro de pedra em ruínas. Quando voltei do trabalho, na noite seguinte, percebi de longe meu pequeno príncipe sentado ali, as pernas soltas no ar. E escutei-o falando: – Ora, então não se lembra? – ele dizia. – Não é exatamente aqui!

Outra voz lhe respondeu, sem dúvida, pois ele replicou: – Sim! Sim! O dia está certo, mas o lugar não era este...

Continuei andando até o muro. Continuava sem ver nem ouvir ninguém. Mesmo assim, o pequeno príncipe replicou outra vez: – Claro. Você verá onde começa meu rastro na areia. Só precisa me esperar. Estarei lá, à noite.

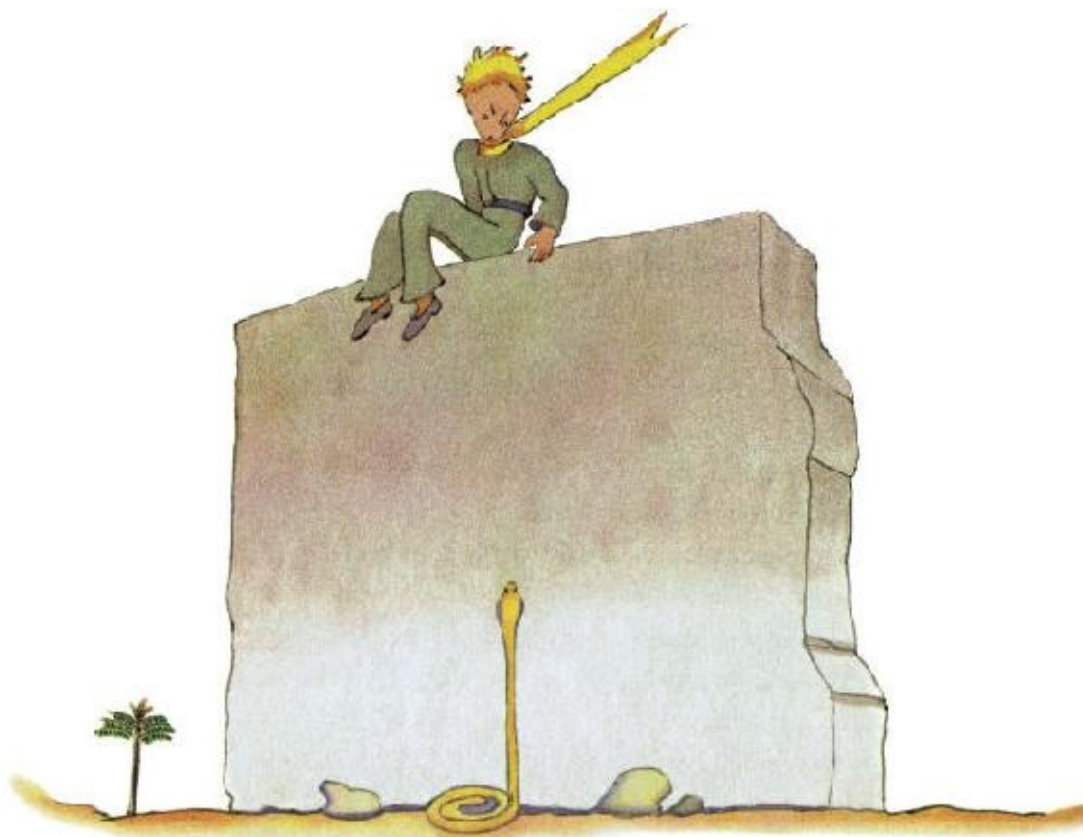
Eu estava a vinte metros do muro e continuava sem ver nada.

O pequeno príncipe disse ainda, após um silêncio: – Seu veneno é bom mesmo? Tem certeza de que não vai me fazer sofrer muito tempo?

Fiquei paralisado, com um aperto no coração, mas ainda sem compreender.

– Agora vá... – ele disse –, quero descer!

Então eu voltei os olhos para o pé do muro, e levei um susto! Ela estava ali, pronta para dar o bote, diante do pequeno príncipe, uma daquelas cobras amarelas que matam em trinta segundos. Avancei ao mesmo tempo em que revirava o bolso para sacar o revólver, porém, com o barulho que fiz, a serpente rastejou lentamente na areia, como um jato d'água que desaparece, e, sem muita pressa, esgueirou-se por entre as pedras com um leve rumor metálico.



Alcancei o muro justo a tempo de receber nos braços meu caro principzinho, branco feito cera.

– Que história é essa? Agora você fala com as cobras!

Eu afrouxei seu eterno cachecol. Umedecera suas têmporas e dera-lhe água para beber. Agora não ousava mais lhe perguntar nada. Ele me olhou gravemente e envolveu meu pescoço com os braços. Eu sentia seu coração bater como o de um passarinho agonizante quando leva um tiro de espingarda. Ele me disse: – Fico feliz que tenha descoberto o problema no seu motor. Vai poder voltar para casa...

– Como sabe disso?!

Eu vinha justamente lhe comunicar que, contrariando todas as expectativas, tinha resolvido o problema!

Ele não respondeu à minha pergunta, mas acrescentou: – Também volto para casa hoje...

Depois, melancólico:

– É muito mais longe... muito mais difícil...

Eu pressentia que alguma coisa de extraordinário estava acontecendo.

Apertava-o nos braços como um bebê, e ainda assim ele me parecia afundar num abismo, sem que eu pudesse fazer nada para segurá-lo...

Seu olhar, sério, perdia-se na distância:

– Tenho meu carneiro. E tenho a caixa para o carneiro. E tenho a focinheira...

Sorriu com melancolia.

Esprei um tempo. Percebia que ele se recobrava aos poucos: – Meu caro homenzinho, você teve medo...

Tivera medo, era evidente! Mas riu com suavidade: – Será pior esta noite...

A sensação do irreparável me deixou gelado novamente. E compreendi que não suportava a ideia de não ouvir mais aquela risada. Para mim, era igual a uma nascente no deserto.

– Meu caro homenzinho, quero ouvir sua risada de novo...

Ele me interrompeu:

– Esta noite faz um ano. Minha estrela estará posicionada bem em cima do lugar onde caí ano passado.

– Meu caro homenzinho, não teria sido um pesadelo essa história de serpente, encontro, estrela...?

Ele não respondeu à minha pergunta. Declarou:

– O que é importante a gente não vê...

– É verdade...

– É como a flor. Se você ama uma flor que mora numa estrela, é doce, à noite, olhar o céu. Todas as estrelas são floridas.

– É verdade...

– É como a água. Aquela que você me deu para beber era feito música, por causa da roldana e da corda... você se lembra... era boa.

– É verdade...

– Olhe para as estrelas à noite. Onde moro é muito pequeno para eu lhe apontar a minha. Melhor assim. Minha estrela será uma entre outras para você. Então, você gostará de olhar todas as estrelas... Todas elas serão suas amigas. E depois vou lhe dar um presente...

E riu de novo.

– Ah! Homenzinho, que bom ouvir sua risada!

– Justamente, é o meu presente... será como a água...

– Como assim?

– As pessoas têm estrelas que não são as mesmas. Para uns, que viajam, as estrelas são guias. Para outros, não passam de pequenos pontos luminosos. Para outros, que são cientistas, constituem problemas. Para meu homem de negócios, eram ouro. Mas todas essas estrelas são mudas. Você terá estrelas como ninguém tem...

– Como assim?

– Quando contemplar o céu à noite, uma vez que vou morar numa estrela e rir numa estrela, será para você como se todas elas rissem. Só você terá estrelas que sabem rir!

E riu de novo.

– E quando já estiver consolado (sempre nos consolamos), ficará contente por ter me conhecido. Será sempre meu amigo. Vai querer rir junto comigo. E às vezes abrirá sua janela, assim à toa, por puro prazer... E seus amigos acharão muito estranho vê-lo rir olhando para o céu. Você lhes dirá: “Pois é, estrelas sempre me fazem rir!” E o julgarão louco. Terei lhe pregado uma boa peça...

E riu de novo.

– Será como se eu tivesse lhe dado, em vez de estrelas, uma infinidade de sininhos risonhos...

E riu de novo. Depois tornou a ficar sério:

– Hoje à noite... você sabe... não venha.

– Não vou abandoná-lo.

– Vai parecer que estou doente... Vai parecer que estou morrendo. É desse jeito. Não venha, não vale a pena ver...

– Não vou abandoná-lo.

Mas ele estava preocupado.

– Se digo isso... é também por causa da serpente. Ela não pode mordê-lo... As cobras são más. Podem atacar por prazer...

– Não vou abandoná-lo.



Alguma coisa o tranquilizou:

– Verdade que elas não têm mais veneno para uma segunda mordida...

Aquela noite, não o vi ir embora. Escapou furtivamente. Quando consegui me juntar a ele, marchava decidido, num passo célere. Disse apenas: – Ah! Você está aí...

E me deu a mão. Contudo, voltou a atormentar-se: – Você errou. Sofrerá. Vai parecer que morri, mas não é verdade...

Eu me calava.

– Compreenda. É longíssimo. Não posso carregar este corpo até lá. É muito pesado.

Eu me calava.

– Será como uma casca velha de árvore. Cascas velhas não são tristes...

Eu me calava.

Ele desanimou um pouco. Em seguida, fez um novo esforço: – Vai dar tudo certo. Também voltarei os olhos para as estrelas. Todas as estrelas serão poços com uma roldana enferrujada. Todas as estrelas me darão de beber...

Eu me calava.

– Será divertidíssimo! Você terá quinhentos milhões de sininhos e eu quinhentos milhões de nascentes...

Calou-se também, pois estava chorando.



– É aqui. Deixe-me dar um passo sozinho.

Sentou-se, pois estava com medo.

Disse ainda:

– Sabe a minha flor... sou responsável por ela! Ela é muito fraca! É muito bobinha. Tem quatro espinhos ridículos para protegê-la do mundo...

Já eu me sentei porque não aguentava mais ficar em pé. Ele disse: – Pronto... Isso é tudo...

Hesitou ainda um pouco, depois levantou. Deu um passo. Quanto a mim, não conseguia me mexer.

Não houve nada senão um relâmpago amarelo junto ao seu tornozelo. Ele permaneceu imóvel por um instante. Não gritou. Caiu suavemente, como uma árvore. Sequer fez barulho, por causa da areia.



E agora, de fato, já se vão seis anos... Eu nunca havia contado essa história antes. Os colegas que reencontrei ficaram bem contentes de me ver vivo. Eu estava triste, mas lhes dizia: “É o cansaço...”

Agora sinto-me mais consolado. Quer dizer... Não completamente. Por outro lado, sei que ele regressou ao seu planeta, pois, ao amanhecer, não encontrei seu corpo. Não era um corpo muito pesado... E, à noite, gosto de ouvir as estrelas. Soam como quinhentos milhões de sininhos...

Mas eis que acontece uma coisa extraordinária. Na focinheira que desenhei para o pequeno príncipe, esqueci de acrescentar uma correia de couro! Ele nunca terá conseguido prendê-la no carneiro. Então me pergunto: “O que aconteceu no seu planeta? E se o carneiro tiver comido a flor...?”

Tem vezes em que penso: “Claro que não! Todas as noites o pequeno príncipe coloca a flor sob a redoma de vidro e vigia o carneiro...” Então fico feliz. E todas as estrelas riem suavemente.

Tem vezes em que penso: “Basta se distrair um segundo e pronto! Quem sabe uma noite ele esquece a redoma, ou o carneiro foge sorrateiramente...” Então os sininhos transformam-se todos em lágrimas...!

Eis um grande mistério. Para vocês que também amam o pequeno príncipe, assim como para mim, o universo não é mais o mesmo se, num determinado lugar, não sabemos onde, um carneiro que não conhecemos, sim ou não, comeu uma rosa...

Olhem para o céu. Perguntem-se: o carneiro comeu a flor? Sim ou não? E verão como tudo muda...

E jamais nenhum adulto compreenderá a importância que isso tem!



Para mim, esta é a paisagem mais bonita e mais triste do mundo. É a mesma que fecha a história, mas desenhei-a novamente para que vissem melhor. Foi aqui que o pequeno príncipe apareceu na Terra, e depois desapareceu.

Observem atentamente essa paisagem, a fim de terem certeza de reconhecê-la caso um dia viajem à África, ao deserto. E se acontecer de passarem por ela, suplico-lhes, não se afobem, deem uma paradinha bem embaixo da estrela! Se, então, uma criança for até vocês, se ela rir, se tiver cabelos dourados, se não responder quando interrogada, saberão de quem se trata. Então, sejam bonzinhos! Não me façam sofrer muito: corram para me escrever que ele está de volta...

POSFÁCIO

A energia renovadora do exílio

RODRIGO LACERDA

Saint-Exupéry era um escritor já importante quando decidiu fazer seu primeiro livro infantil. O projeto não soou muito apropriado a todos os seus leitores e colegas. Um amigo ensaísta, o suíço Denis de Rougemont, reclamava de sua obstinada dedicação ao novo trabalho, pequeno demais em todos os sentidos:

É impossível tirá-lo de casa. Recomeçou a escrever uma história para crianças, e também está fazendo as ilustrações em aquarela. Aquele gigante calvo, com os olhos redondos de uma ave de rapina e os dedos precisos de mecânico, agora se dedica a manejar minúsculos pincezinhos de criança e ainda põe a língua entre os dentes, se esforçando para não borrar.

Não se sabe por quê, ou por sugestão de quem, Saint-Exupéry teria optado pela difícil empreitada. Há três candidatos a dono da ideia: Eugene Reynal, amigo e um dos proprietários de sua editora americana; Curtice Hitchcock, o outro proprietário, também amigo; e Silvia Hamilton, uma namorada. A inspiração, contudo, sempre pode ter nascido dele mesmo, pois consta que tentara emplacar a história junto a seu editor francês, anos antes.

A mesma incerteza prevalece no caso dos desenhos. A pintora Hedda Sterne garantia ter sido a primeira a sugerir que Saint-Exupéry estresse como ilustrador. Mas vários amigos se lembravam de tê-lo presenteado com caixas de guache ou aquarela para os primeiros esboços. Não há consenso sequer sobre qual a técnica utilizada. Segundo o amigo e hábil desenhista Paul-Émile Victor, ele não ficou satisfeito com o uso exclusivo da aquarela, enquanto os lápis de cor lhe pareciam excessivamente infantis. Ao fim, resume Victor:

Fizemos todo tipo de tentativa. Não sei exatamente qual foi a técnica que acabou escolhendo. ... Observando bem as ilustrações, acho que usou lápis aquareláveis, fazendo os traços à caneta, para em seguida ir lavando ligeiramente a tinta com o pincel.

Felizmente, as circunstâncias em que *O pequeno príncipe* foi criado são bastante conhecidas. Tudo aconteceu nos Estados Unidos, durante a Segunda

Guerra Mundial, mais especificamente entre 1942 e 1943. O escritor, aos 41 anos, exilara-se por lá após a ocupação alemã da França natal, chegando a Nova York em 31 de dezembro de 1941. Sabe-se também que a decisão de não ficar na Inglaterra, onde a resistência antinazista francesa se baseara, era motivo de forte sentimento de culpa e de ataques públicos contra ele, vindos de conterrâneos insensíveis a formas não militares de fidelidade à pátria sequestrada.

Esse dilema, no período, era comum a muitos intelectuais europeus. No caso de Saint-Exupéry, o passado de escritor sensível à miséria e às injustiças sociais, combinado ao título aristocrático da família, titular de um condado com o mesmo nome no sudoeste da França, decerto embaralhava a imagem que se tinha dele e não o ajudava a conquistar a simpatia geral dos ativistas políticos de seu país. Para piorar, ele vinha a ser um experiente piloto de aviões, tendo trabalhado anos numa empresa de correios aéreos, a serviço da qual voou regularmente pela Europa, África e América do Sul, incluindo, entre 1927 e 1933, o Brasil. Já havia participado inclusive no esforço de guerra francês. Treinara com uma unidade da aeronáutica para fotografar as posições inimigas e tornara-se piloto de guerra, desmobilizando-se somente após a derrota definitiva para os alemães. Era um reforço por demais valioso para a pátria necessitada. Enquanto duraram suas hesitações, dentre todas as calúnias que circularam contra ele a mais dolorosa foi uma suposta adesão sua ao governo nazista de Vichy.

Também na intimidade os conflitos se sucediam, e seu casamento problemático era pontuado por casos amorosos. E, embora a vida social parecesse alegre e povoada por figuras interessantes – artistas plásticos, escritores, atores famosos *etc.* –, uma aura de melancolia e sofrimento recobre todo o autoexílio passado nos Estados Unidos.

Ora morando em Nova York, ora em casas de campo, ora em paz com a esposa, ora em longos intervalos conjugais, o horário preferencial de Saint-Exupéry para trabalhar eram as madrugadas. Trancado em seu escritório, ou no da casa de algum amigo, tudo começava com ele recolhendo os papezinhos dos quais seus bolsos viviam cheios. Neles, os desenhos esboçados ao longo do dia, as ideias anotadas em sua letrinha miúda. Elas eram então registradas num ditafone, o antepassado dos gravadores digitais, pois ele era uma das poucas pessoas capazes de entender a própria letra.

Para os desenhos, tudo à sua volta poderia servir de modelo: o cachorro de Silvia Hamilton foi a inspiração para o carneiro do livro; uma boneca de cachos louros, ou o filho louro de um amigo filósofo canadense, para o personagem-título.

Fazia ainda parte de seu processo criativo interromper o sono das pessoas da

casa, ou telefonar aos amigos no meio da madrugada, para ler trechos que acabara de botar no papel, às vezes capítulos inteiros, ou mostrar os desenhos que julgasse especialmente felizes.

Após mais ou menos um ano de trabalho, em meados de outubro de 1942, os originais chegavam à editora Reynal & Hitchcock. Desse primeiro manuscrito ao texto final, são poucas as diferenças. Foram eliminadas a referência demasiadamente explícita à ilha de Manhattan e as visitas ao negociante e ao inventor de máquinas automáticas, além de uma digressão sobre a beleza das colinas. Em compensação, foi acrescentada a dedicatória ao grande amigo, o escritor Léon Werth, num gesto de fortes conotações políticas. Werth, judeu, recusara-se a abandonar Paris e declinara várias ofertas de exílio, mesmo isso significando viver sob a tirania nazista. Além de homenageá-lo, a dedicatória mandava um recado do escritor às vertentes da resistência francesa que o acusavam de traição, covardia ou mesmo descaso alienado.

Os editores o ajudavam de perto a “pensar o livro”, como lembrou o próprio Saint-Exupéry: “Tive de refazer todos os desenhos diversas vezes: o editor nunca ficava satisfeito.” O escritor, por sua vez, acompanhou passo a passo a diagramação e queria que a reprodução industrial dos desenhos alcançasse a sutileza das tintas à base de água. Tudo isso levou tempo, e ainda ocorreu novo atraso quando o primeiro tradutor – Exupéry escrevia sempre em francês e, verdade seja dita, falava muito mal o inglês – sofreu um desastre de avião e teve de ser substituído.

Em algum momento ao longo da produção, o escritor, angustiado e culpado, decidiu reivindicar junto ao exército aliado uma chance de retornar aos campos de batalha: “O primeiro erro é ficar morando em Nova York, enquanto os meus estão morrendo na guerra.” Preparando-se para a viagem, passou uma procuração para o agente Maximilian Becker, a fim de que, em sua ausência, administrasse os rendimentos gerados por suas obras.

Finalmente, em fevereiro de 1943, Saint-Exupéry recebeu a nova convocação. Sua partida para o norte da África, em abril, aconteceu provavelmente poucos dias antes de *O pequeno príncipe* chegar às livrarias da América do Norte^a (mais uma vez, há controvérsias quanto à data da publicação e à de seu embarque para o front). Acredita-se que tenha levado consigo apenas o que no jargão editorial chama-se “o boneco” do livro, um protótipo, ou então provas não definitivas de impressão. Mas ele certamente chegou a ver o resultado final, pois deixou com seus editores, em cópias ainda sem acabamento, dedicatórias de próprio punho aos amigos americanos. O escritor não tornaria a ver nenhum deles: no dia 31 de julho de 1944, seu avião decolou para uma

missão de reconhecimento na Córsega e, horas depois, caiu no mar, derrubado por um piloto nazista. Apenas em 2002, quase seis décadas mais tarde, apareceram restos do aparelho. O corpo de Saint-Exupéry jamais foi encontrado.

Nenhum livro é fruto da pura inspiração. Para *O pequeno príncipe* existir, outros livros precisaram ser escritos antes, certos temas e símbolos precisaram se enraizar no imaginário dos leitores, para então ganhar a configuração e o tratamento únicos que Saint-Exupéry lhes deu.

Um desses precursores desconhecidos entre nós teria sido *O acendedor de postes*, de Maria Cummings, publicado em 1854. Tal profissão, realmente, é tema do capítulo 14 de *O pequeno príncipe*. Outro, *Patachou*, de Tristan Derème, de 1929, tem a rosa, as estrelas, a jiboia, a raposa e o carneiro também como elementos simbólicos de destaque. Outro ainda, *O país das 36 mil vontades*, de André Maurois, também de 1929, foi presenteado pelo autor a Saint-Exupéry, e parece evocar um dos planetas visitados pelo pequeno príncipe. Por fim, *L’Homme de la pampa*, de 1923, do franco-uruguaio Jules Supervielle, que fala de vulcões e cuja epígrafe, sem dúvida, tem um eco familiar: “Escrevi essa novela para a criança que fui e que me pede que lhe conte histórias.”

Para além das fontes literárias de uma obra, há sempre também a fonte biográfica, o conjunto de experiências vividas pelo próprio escritor e possivelmente refletidas no livro, de maneira mais ou menos explícita. No caso de *O pequeno príncipe*, esses cruzamentos parecem tão importantes que o mesmo André Maurois, entre outros amigos, via no protagonista da história “uma projeção do próprio autor”.

O acontecimento central do livro, a queda do avião do narrador no deserto, é o melhor exemplo. Mais do que mera alusão ao trabalho de Saint-Exupéry como piloto comercial, ele remete a um episódio verídico. Em 1935, o escritor-aviador tentava quebrar o recorde de velocidade entre Paris e Saigon, com 150 mil francos de prêmio em jogo, quando seu avião efetivamente caiu no deserto do Saara, na Líbia. Duas diferenças entre a realidade e a ficção: uma é que no acidente real Saint-Exupéry estava acompanhado de seu navegador-mecânico, André Prevot, e a outra é que este *não* conseguiu consertar o avião. Por outro lado, assim como o piloto e o príncipe do livro, os dois vagaram dias no deserto, completamente perdidos. Foram salvos por um beduíno que, por absoluta coincidência, encontrou-os no meio do nada, semimortos.

Saint-Exupéry registrou essa experiência em suas memórias do período.^b Segundo ele, ao perceber tocas escavadas na areia, julgou-as ocupadas por raposas e imaginou estar seguindo as pegadas de um animal que chamava de “a

minha raposinha”. Dias depois, já delirando de fome, sede e cansaço, travou um intenso diálogo consigo mesmo, entre a parte de si que tinha esperança apesar de tudo e a que raciocinava exclusivamente sobre os dados reais.

Também a relação conflituosa entre o escritor e sua esposa, Consuelo Gómez Carillo, escritora e artista franco-salvadorenha, parece ter servido de base para a relação do príncipe com dois elementos de seu pequeno planeta: os vulcões e a flor com espinhos. Quando piloto, voando sobre a América Central, Saint-Exupéry comprovou lá de cima que El Salvador era mesmo a terra dos vulcões, e mais tarde referia-se a eles como a determinante geológica do temperamento explosivo da mulher.

Já a flor, com suas pétalas e espinhos, sua falta de modéstia, vaidade e caprichos, provoca o autoexílio do pequeno príncipe. Apenas à distância ele consegue entender melhor o que se passa: “As flores são fracas. São ingênuas. Protegem-se como podem. Julgam-se terríveis com seus espinhos...” O pequeno príncipe aceita o amor que sente pela flor, com todos os prazeres e dificuldades inerentes, quando se afasta dela. (Até então a proximidade gerava “mal-entendidos” insuportavelmente dolorosos entre os dois.) Ao final, a flor se transforma em rosa, à medida que o homenzinho, “cativado”, aprende a valorizar o caráter único do que existe entre os dois.

Difícil saber se o espelhamento realidade/ficção era intencional no ato da criação, se foi percebido mais tarde, ou se é completamente fabricado por comentaristas de todas as vertentes. Mas Consuelo, numa carta que escreveu ao marido, cinco meses após a publicação do livro, parece vestir a carapuça:

Então, meu querido, pense em tudo que tem a fazer e quantas alegrias dará à sua rosa, à sua rosa vaidosa, que dirá consigo mesma: “Sou a rosa do rei, sou diferente de todas as outras, porque ele cuida de mim, me faz viver e me respira...”

Há ainda quem veja na morte do irmão de Saint-Exupéry, François, seu maior amigo e confidente, a origem do tema da morte de uma criança, presente em vários de seus livros,^c entre eles *O pequeno príncipe*. François tinha então quinze anos e o escritor, dezessete.

E existem até mesmo aqueles que enxergam no desfecho do livro uma espécie de oráculo fúnebre pessoal, como fazia Pierre Lazareff, jornalista amigo: “Quando [Saint-Exupéry] terminou a narrativa, leu o final para mim chorando, como se houvesse pressentido o próprio fim, que seria parecido com o do pequeno príncipe.”

A morte do protagonista foi julgada por muitos demasiadamente forte para as crianças americanas. Os editores chegaram a sugerir uma nova versão do final.

Mas dessa vez Saint-Exupéry não cedeu: “As crianças aceitam tudo que é natural. E a morte é natural... Nenhuma criança ficará transtornada com a partida do pequeno príncipe.”

O livro, afinal de contas, explicitamente afirma que a partida da criança fantástica, embora provoque sim a dor da separação, não necessariamente é sinônimo de morte. Esse é o principal argumento para se enxergar no pequeno príncipe uma manifestação historicamente próxima do mito da criança divina, e eterna. Nesse caso, o arquétipo encarnaria a reparação possível dos prejuízos causados pela extravagante racionalidade dos adultos. Para que os Mozarts infantis possam recorrer da condenação imposta a todos os homens. Para resgatar neles o encantamento do mundo e de suas relações com tudo e todos. Vale lembrar que, no início do livro, o pequeno príncipe não aparece para salvar o aviador do deserto, e sim para fazê-lo retomar sua “magnífica carreira de pintor”.

A partir daí, o convívio com o menino propiciará ao piloto a redescoberta de sua capacidade imaginativa, um retorno bem-vindo e libertador. Mas essa volta ao passado que não existe mais, e no entanto está vivo dentro de nós, é dolorosa em si, ainda que suavemente dolorosa. Em outras palavras, ela expressa a ideia de que a realidade material não diz sobre a vida tudo que precisamos saber para melhor aproveitá-la, de que “o mais importante é invisível”, como diz o narrador do livro – ou de que “o homem é o que ele não é”, conforme um de seus leitores mais interessantes –;^d de que o adulto deve preservar a alegria e a poesia da vida, o interesse pelo aprendizado constante, como tinha quando criança. Essa identificação da beleza maior no ponto invisível, que a torna fugaz, inefável, transcendente, ultrassensorial, torna-a também mais frágil e valiosa. O mundo à sua volta é tão duro e seco que o narrador, ao tomar em seus braços a criança, diz: “Senti como se carregasse um tesouro frágil. Senti inclusive não haver nada tão frágil sobre a Terra.”

Pelas razões acima descritas, predomina em *O pequeno príncipe* um clima que beira a poesia lírica narrativa, um tom melancólico, ou mesmo triste. Anne Morrow Lindbergh, amiga de Saint-Exupéry nos Estados Unidos e esposa de outro aviador famoso, Charles Lindbergh, ao comentar o livro com o autor logo após o lançamento, tocou em todas as chaves:

O seu pequeno príncipe é um santo, não uma criança. É um adulto com coração de criança. ... Trata-se de uma tristeza íntima, eterna melancolia, eterna sede, eterna busca... Há coisas belíssimas na sua narrativa: tudo imerso em vulnerabilidade, em ternura, em ferida.

O pequeno príncipe veio ao mundo servir como ponto de contato entre

adultos e crianças (e entre os adultos não se incluem apenas as misses). Este era, na essência, o projeto literário a que Saint-Exupéry se dedicou nos seus anos de exílio americano.

Como pano de fundo, a Segunda Guerra Mundial certamente teve impacto na escrita. O planeta vivia um conflito de inéditas proporções, milhões e milhões de mortos de ambos os lados. Parecia mesmo que a civilização, ao se tornar adulta, tornara-se brutal; que a hegemonia conferida à razão pelo homem contemporâneo roubara-lhe a capacidade de ouvir, e respeitar, a poesia do mundo. A própria razão se pervertera e a desgraça do conflito generalizado (pela segunda vez...) se armara contra ele.

Saint-Exupéry, como tantos homens na época, intelectuais ou não, ficou dividido entre dois imperativos: o da vida e da felicidade, de um lado, e o da pátria a ser libertada, de outro. Sentia-se incompreendido por partidários de ambos os grupos. Olhava o momento histórico com a mesma melancolia triste do narrador do livro quando pensa no “exílio” de si mesmo em que se encontra e na distância que o separa de sua fonte de transcendência. Um colega de Saint-Exupéry no exército, Jules Roy, embora seu testemunho soe em alguma medida idealizado, descrevia assim o estado de espírito do escritor na época:

Fomos ao seu quarto e, estirando-se na cama, ele ficou com aquele olhar de coruja pregado no teto, aspirando com avidez a fumaça do cigarro. Depois de um longo silêncio, começou a falar da sua angústia. Não queria confessar o próprio desespero, mas sentia, na alma e no corpo, o sofrimento da França.

O sucesso de *O pequeno príncipe*, contínuo há mais de setenta anos, não pode ser explicado somente pelas fontes literárias bem escolhidas e ou pela carga dramática das chaves autobiográficas. Também contribui para isso o tirocínio com que Saint-Exupéry escolheu, se apropriou e estabeleceu relações entre os elementos simbólicos do livro. Tais “mitos”, além de condensar valores importantes para todos os homens, testados e aprovados pelos séculos, quando postos em movimento pelo escritor servem sempre, com perfeição, à sua mensagem maior: da infância a ser resgatada, da necessária volta ao “planeta”, ou à pátria, de origem.

A raposa, que vive na floresta mas ronda as casas dos homens, inteligente e ao mesmo tempo indomável, é criatura de intermediação, mensageira entre magia e razão, natureza e cidade. É a raposa que nos dá a resposta sobre a natureza do afeto e dos elos entre as criaturas, e entre elas e as coisas, lugares etc., numa rede infinita de relações. Quando o narrador se converte aos ensinamentos da raposa, quando aceita abrir mão da companhia física do amigo,

mantendo intacto o afeto, a amizade dos dois está selada.

A serpente é primeiro uma jiboia que engole “sua presa inteirinha, sem mastigar”, para depois não se mexer durante seis meses de digestão. Adiante reaparece sob a forma de “uma daquelas cobras amarelas que matam em trinta segundos”. Ora uma representação do mal, engolidor de outros seres, como a guerra engolia países e milhões de pessoas, ora criatura dotada de sabedoria metafísica, poderosa e misteriosa, capaz de fazer um homem deixar seu corpo e se espiritualizar. A serpente se oferece para ajudar o pequeno príncipe a fazer a passagem; eles combinam um encontro e ela volta para cumprir a palavra.

Nos planetas, homens foram transformados em ilhas pela própria loucura, disfarçada de razão. Neles predominam sentimentos ruins: a vaidade, a fraqueza, a falta de imaginação, a ganância *etc.* E neles extinguiram-se a variedade e a espontaneidade das reações humanas. Estão condicionados a repetir para sempre um comportamento único, condenados à solidão infinita.

O poço se concretiza ao final de uma longa e sofrida busca, o que o transforma em algo precioso, “doce como uma festa”, “muito mais que um alimento”, que “fazia bem ao coração como um presente”. Ele devolve ao homem sedento sua dimensão humana e, após o avião do narrador ter quebrado em pleno deserto, faz no livro o ataque mais radical à vida moderna. “O que torna bonito o deserto é que ele esconde um poço em algum lugar...”, diz o pequeno príncipe.

Como diz Philippe Forest, autor de um livro sobre o “engajamento singular” de Saint-Exupéry:^e

O problema existencial e filosófico com que o pequeno príncipe se vê confrontado é o do próprio isolamento da consciência no seio de um universo atomizado (os planetas no céu) e o vazio (o deserto na Terra), onde inexistem qualquer possibilidade de relação. Sair de tal solidão exige, de acordo com a célebre lição dada ao príncipe pela raposa, que cativemos o outro, ou seja, que criemos laços com ele.

Rodrigo Lacerda é escritor. Para jovens e crianças, tem publicados *O fazedor de velhos* (Prêmio Literário da Biblioteca Nacional, Prêmio Jabuti, Prêmio FNLIJ) e *Hamlet ou Amleto?*, além de traduções de *O conde de Monte Cristo* e *Os três mosqueteiros*, de Alexandre Dumas (ambas em parceria com André Telles e vencedoras do prêmio Jabuti). É diretor da coleção Clássicos Zahar.

^a Na França, o livro seria publicado apenas postumamente, em abril de 1946. Mesmo assim, na ausência das matrizes dos desenhos, com as ilustrações refeitas por um aquarelista local. Uma primeira edição completa francesa surgiria apenas em – espanto! – 1999. No Brasil, saiu em 1952, pela antiga editora Agir, com tradução de dom Marcos Barbosa.

^b No volume intitulado *Terra dos homens*, de 1939.

^c Em *Correio Sul*, *Cidadela* e *Terra dos Homens* (neste último, trata-se da morte dos talentos e potencialidades das crianças quando crescem, na famosa passagem que fala de um “Mozart condenado”: “Inclinei-me sobre aquele rosto liso, sobre o doce biquinho dos lábios, e disse comigo: aí está o rosto de um músico, um Mozart criança, uma bela promessa de vida. Os pequenos príncipes das lendas não eram em nada diferentes dele: protegido, cercado, cultivado, o que ele não poderia chegar a ser! Quando uma nova rosa nasceu nos jardins, por mutação, eis que todos os jardineiros se deixaram tomar pela emoção. Isola-se a rosa, cultiva-se a rosa, trata-se de beneficiá-la. Mas não há jardineiro para os homens. Mozart criança será marcado como os outros pela máquina de moer gente. Mozart fará suas mais altas alegrias musicais apodrecerem no mau cheiro dos cafés-concerto. Mozart está condenado.”

^d Tanase, Virgil. “Os temas de *O pequeno príncipe*”, in *A bela história do pequeno príncipe*. Rio de Janeiro, Agir, 2013.

^e Forest, P. *Pilote de guerre: L’Engagement singulier de Saint-Exupéry*. Paris, Gallimard, 2013.

CRONOLOGIA

Vida e obra de Antoine de Saint-Exupéry

1900 | 29 jun: Nasce, em Lyon, Antoine de Saint-Exupéry, terceiro dos cinco filhos do conde Jean de Saint-Exupéry e sua esposa, Marie. Exposição Universal de Paris. Dois anos depois nasce François, seu único irmão e seu grande companheiro e confidente.

1904 | 14 mar: Morte repentina do pai. A família se muda para o castelo dos avós maternos, no vilarejo de La Môle. Marie de Saint-Exupéry educa os filhos de maneira liberal, estimulando o interesse pelo saber, a curiosidade, o bom senso e o cuidado com plantas e animais. É ela quem ensina Antoine a ler.

1906 | 12 nov: Primeira homologação de um recorde de aviação: o brasileiro Santos Dumont consegue manter seu aparelho *14 Bis* no ar por uma extensão de 220m e chegar a 6m de altitude, no campo de Bagatelle, em Paris.

1907 | 12 fev: Morte do avô materno, Charles de Fonscolombe. Marie e os filhos se mudam para o castelo de Saint-Maurice-de-Rémens, de uma tia-avó, a condessa Gabrielle de Tricaud. Apesar das perdas, as crianças têm uma infância feliz.

1908: Dá mostras de interesse técnico por motores e máquinas; desenvolve uma bicicleta voadora, que jamais chega a decolar. Inicia a educação formal, na instituição Frères des Écoles Chrésiennes, em Reims.

1909: Muda-se com a mãe, François e a irmã mais nova para Le Mans, a pedido do avô paterno. Convive com primos e recebe uma educação mais rigorosa.

1910-13: Frequenta com o irmão o colégio jesuíta Saint-Croix, por desejo do avô.

1912 | Jul: Escondido da mãe, faz seu primeiro voo, em um campo de aviação próximo ao castelo de Saint-Maurice-de-Rémens. | **Out:** Com um amigo de escola, funda uma associação monarquista com o objetivo declarado de restaurar o regime.

1914: Ganha prêmio de redação na escola. | **Jul:** Início da Primeira Guerra Mundial. De férias em Saint-Maurice-de-Rémens com a mãe e os irmãos, não retornam a Le Mans. A mãe cria uma enfermaria da Cruz Vermelha na estação de trem local. Seu tio e padrinho é uma das primeiras vítimas fatais da guerra.

1915-16: Retorna com o irmão para Le Mans e são matriculados como internos na mais segura Villa Saint-Jean, em Freiburg, na Suíça. Estuda latim, grego e alemão. Faz amigos e lê muito, além de se dedicar ao

teatro e à música.

1917: Aprovado nos exames escolares finais, ingressa no Liceu Saint-Louis, em Paris, a fim de se preparar para as provas da Escola Naval. | **10 jul:** Morte de François, aos quinze anos; Antoine fica profundamente abalado.

1918: Com os bombardeios em Paris, as aulas são transferidas para Bourg-la-Reine, nos arredores da cidade. Hospeda-se na casa de uma parenta, Yvonne de Lestrangé, em cujos salões literários conhece personalidades como o escritor André Gide e o editor Gaston Gallimard. | **Nov:** Fim da Primeira Guerra Mundial.

1919-20: Reprovado no exame oral para a Escola Naval. Escreve a coletânea de poemas *L'Adieu* [O adeus]. Frequenta, como ouvinte, a Escola de Belas Artes, em Paris.

1921 | Abr: Dá início à sua carreira militar, como ajudante de mecânico no 2º Regimento de Aviação de Estrasburgo, onde faz suas primeiras aulas de voo. | **Jun:** Realiza seu primeiro voo solo. | **Dez:** Transferido para regimento acantonado no Marrocos. Obtém o brevê de piloto militar.

1923-25: Primeiro acidente grave como piloto. Fica noivo de Louise de Vilmorin, mas rompe o compromisso poucos meses depois. Trabalha, insatisfeito, em uma empresa de caminhões e como piloto particular em sobrevoos de Paris. Usa o tempo livre para escrever.

1926: Publica *O aviador*. | **Out:** Contratado pela Compagnie Générale d'Entreprise Aéronautique (futuramente Compagnie Générale Aéropostale), dentro de poucos meses realiza seu primeiro voo como piloto do correio aéreo.

1927: Piloto postal na rota Toulouse-Alicante e Toulouse-Alicante-Casablanca-Dakar. | **3 jun:** Morte da irmã Marie-Madeleine. | **Out:** É nomeado chefe do entreposto aéreo de Cap Juby, no Marrocos, onde por dezoito meses é responsável por resgatar pilotos perdidos no deserto, muitas vezes negociando sua libertação com líderes berberes. Aprende árabe.

1929: Faz curso de formação para voos noturnos da Aéropostale, aprendendo a guiar-se pelas estrelas. | **Abr:** Publica *Correio sul*. | **Out:** Instala-se em Buenos Aires como supervisor da empresa, sendo responsável por gerenciar pessoal e equipamentos, recrutar pilotos, garantir o bom funcionamento de aeroportos e rotas já existentes e inaugurar novas.

1930 | Mar: Bate recorde mundial ao fazer em doze horas o percurso Buenos Aires-Rio Gallegos (na Patagônia). | **Abr:** Medalha de Cavaleiro da Legião de Honra pelos serviços civis em Cap Juby. Reencontra Consuelo Suncin, jovem viúva salvadorenha que conhecera no navio para a América do Sul.

1931 | Fev: Volta para a França. | **Abr:** Casa-se com Consuelo Suncin. | **Jun:** Encarregado do correio aéreo entre Casablanca e Port-Etienne, hoje Nuadhibu, na Mauritânia; o casal instala-se em Casablanca. | **Out:** Publica *Voo noturno*, que, indicado aos dois principais prêmios literários franceses (o Femina e o Goncourt), torna-se um best-seller no país, vendendo mais de 150 mil exemplares. | **4 dez:** Viaja a Paris para receber o prêmio Femina. Nos Estados Unidos, a tradução inglesa *Night Flight* é declarada Book of the Month Club, maior distinção literária no país. Conhece Léon Werth.

1932: Dificuldades financeiras, apesar do sucesso do livro. Após breve período voando na rota Marselha-Argel, é desligado da Aéropostale, sob nova direção após crise. Volta a Paris e passa a escrever artigos para a imprensa. Torna-se piloto de provas dos hidroaviões desenvolvidos por P.-G. Latécoère, fundador da Aéropostale.

1933: Reprovado no exame de pilotos da Air France. | **Dez:** Depois de quase morrer num acidente, abandona a carreira de piloto de provas. Estreia de *Asas da noite*, adaptação para o cinema de *Voo noturno*, com Clark Gable no papel principal.

1934: A exibição do filme na França torna o nome de Saint-Exupéry conhecido para um público mais amplo. Entra para o serviço de imprensa e propaganda da Air France, com missões em Argel e Saigon. | **Dez:** Pede patente para sua primeira invenção: um sistema de visor que dava ao piloto noção da distância entre o avião e o solo à noite ou em meio à neblina; a patente será concedida em março de 1936.

1935 | **Abr-mai:** Viagem à União Soviética a serviço do *Paris-Soir*, jornal de maior tiragem da França. | **Nov:** Tendo finalmente realizado o sonho de comprar seu próprio avião, parte com ele em missão para a Air France, viajando pelo Mediterrâneo para palestras promocionais em que fala tanto como piloto quanto como escritor. | **30 dez:** Durante a madrugada, enquanto buscava o recorde de tempo para a rota Paris-Saigon (e um prêmio substancial), seu avião cai no deserto, a 200km do Cairo; sobrevive milagrosamente, como seu mecânico André Prévot.

1936 | **2 jan:** Após três dias caminhando pelo deserto, são resgatados por uma caravana de beduínos. Descreve o que viveram em *Voo interrompido: prisão de areia*, série de artigos publicada pelo jornal *L’Intransigeant*. | **Mar:** O filme *Dominadores do espaço*, com roteiro de Saint-Exupéry, estreia com grande sucesso popular. | **Ago:** A serviço de *L’Intransigeant*, realiza uma série de reportagens sobre a Guerra Civil espanhola.

1937: Compra um segundo avião. Estreia nos cinemas a adaptação de *Correio Sul*, com roteiro e intensa participação de Saint-Exupéry. | **Jun:** Volta à Espanha, a serviço do *Paris-Soir*, para cobrir a guerra pelo lado republicano. É promovido a capitão.

1938 | **Fev:** Tenta a travessia norte-sul das Américas, mas seu avião cai após escala na Guatemala, deixando-o hospitalizado por semanas. Assina contrato com os editores americanos Eugene Reynal e Curtice Hitchcock para seu próximo livro.

1939 | **Jan:** Condecorado com a Legião de Honra. | **Mar:** Publicação de *Terra dos homens*, sucesso de público e crítica, com prêmios da Academia Francesa, da American Booksellers Association e, no ano seguinte, o National Book Award. “Convida-se” para a primeira travessia sem escalas do Atlântico Norte, entre 14 e 15 de julho, pilotada por Henri Guillaumet. | **Set:** Começa a Segunda Guerra Mundial; convocado para tarefas em solo, empenha-se até ser admitido em uma unidade de combate.

1940: Além de registros sobre a guerra, os homens e a justiça no mundo, toma notas para uma adaptação de *Terra dos homens* para as telas. | **Mai-jun:** Participa de missões que lhe rendem a Cruz de Guerra e material para seu próximo livro, *Piloto de guerra*. | **Jul:** Desmobilizado, retorna à França, mas a conselho de amigos, entre eles Léon Werth, emigra para os Estados Unidos. No navio, conhece o cineasta Jean Renoir, de quem se torna amigo.

1941 | 15 jan: Trabalha em *Piloto de guerra* e avança na obra de reflexões morais que está escrevendo, *Cidadela*. | **Ago-nov:** Mirando a adaptação de *Terra dos homens*, vai a Hollywood a convite de Jean Renoir; conhece atores como Marlène Dietrich, Annabella e Jean Gabin. Ao se saber nomeado membro de um comitê de escritores pelo Conselho Nacional de Vichy, desmente num artigo do *New York Times* ter sido consultado e recusa a oferta. As autoridades americanas o veem com desconfiança. De Gaulle, a quem julga um impostor e ditador em potencial, tenta cooptá-lo para sua causa, sem sucesso. | **Dez:** Apoia a entrada dos Estados Unidos na guerra e dirige-se aos jovens voluntários expressando seus princípios humanitários e sua preocupação com o momento.

1942 | Mai-out: Por encomenda da Reynal e Hitchcock, escreve *O pequeno príncipe*, mas não apronta os desenhos a tempo de o livro ser publicado para o Natal. | **Nov:** Onze dias após a ocupação alemã, faz um pronunciamento na rádio francesa, reproduzido na *New York Times Magazine* sob o título “Carta aberta aos franceses em toda parte”, propondo a mobilização geral dos franceses sob uma mesma bandeira. O apelo é desdenhado por seus compatriotas no exílio.

1943 | 6 abr: Publica *O pequeno príncipe* nos Estados Unidos, em inglês e francês, com sucesso imediato. Na França, o livro só sairá em 1946. | **Mai:** Reintegrado às Forças Francesas Livres após grande insistência, parte para a Argélia. | **Jun:** Publica, na França, *Carta a um refém*, prefácio que escrevera para *33 dias*, de Léon Werth, e por razões desconhecidas ficara de fora da edição. | **Ago:** Já comandante, quebra seu avião e é suspenso pelos americanos. Em Argel, convive com artistas e escritores exilados, entre eles André Maurois.

1944: Reautorizado a voar. | **Jun:** Realiza diversos voos de reconhecimento sobre o sul da França. | **31 jul:** Às 8h35, decola do campo de Borgo, na Córsega, para missão fotográfica na zona de Grenoble-Annecy. Às 13h, não regressara; os chamados de rádio permaneceram sem resposta e os radares alertados o procuraram em vão. | **8 set:** Declarado oficialmente morto. | **3 nov:** É citado na ordem do dia da Força Aérea a título póstumo, “por suas belíssimas qualidades de audácia e destreza durante os meses de junho e julho de 1944”.

Copyright da tradução © 2015, André Telles e Rodrigo Lacerda Copyright desta edição © 2015:
Jorge Zahar Editor Ltda.

rua Marquês de S. Vicente 99 – 1º | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ

tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787

editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais.
(Lei 9.610/98) Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio à Publicação 2015

Carlos Drummond de Andrade da Mediateca, contou com o apoio do Ministério francês das Relações Exteriores e do Desenvolvimento Internacional.

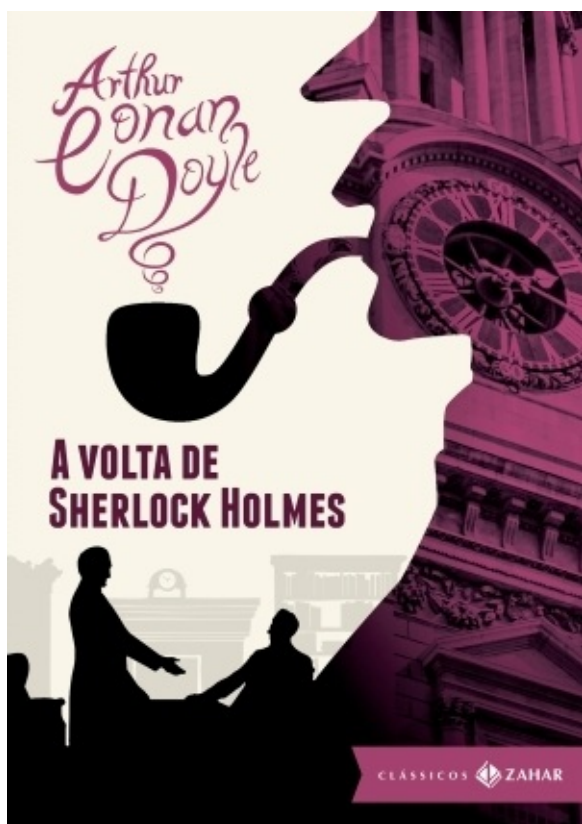
Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication 2015 Carlos Drummond de Andrade de la médiathèque, bénéficie du soutien du Ministère français des Affaires Étrangères et du Développement International.



Grafia atualizada respeitando o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa Capa: Rafael Nobre/Babilonia Cultura Editorial Produção do arquivo ePub: Simplíssimo Livros

Edição digital: julho 2015

ISBN: 978-85-378-1474-1



A volta de Sherlock Holmes

Conan Doyle, Arthur 9788537815502

456 páginas [Compre agora e leia](#)

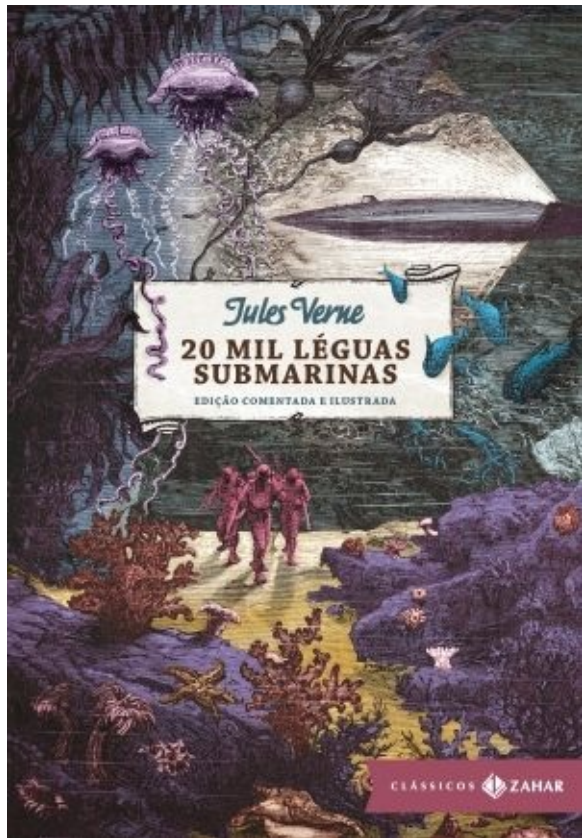
O retorno triunfante do detetive mais amado da literatura policial após sua suposta morte nas mãos do professor Moriarty, nas cataratas de Reichenbach.

A volta de Sherlock Holmes reúne os 13 contos originalmente publicados na Strand Magazine, entre outubro de 1903 e dezembro de 1904:

A casa vazia O construtor de Norwood *Os dançarinos* O ciclista solitário
A Escola do Priorado Black Peter *Charles Augustus Milverton* Os seis
Napoleões *Os três estudantes* O pincenê de ouro *O atleta desaparecido*
A Granja da Abadia *A segunda mancha*

Essa edição, ricamente ilustrada com 50 ilustrações originais, traz texto integral e breve apresentação. A versão impressa apresenta ainda capa dura e acabamento de luxo.

[Compre agora e leia](#)



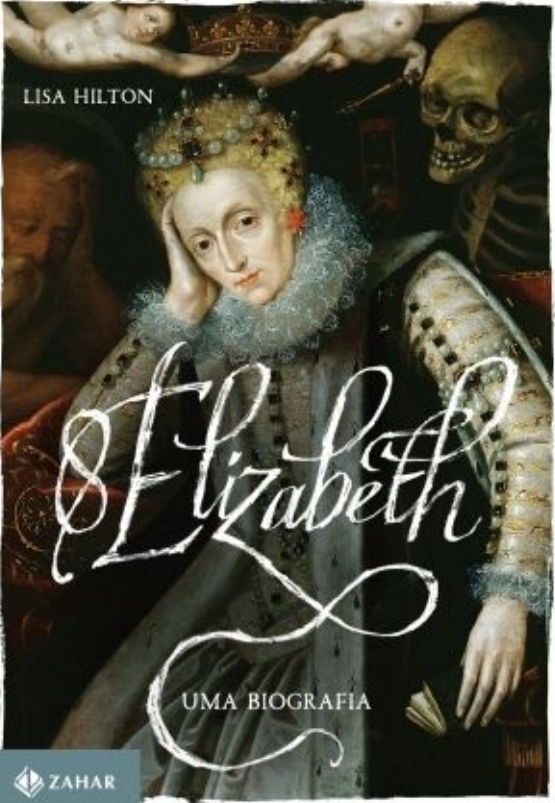
20 mil léguas submarinas

Verne, Jules 9788537806661

455 páginas [Compre agora e leia](#)

Há mais de 150 anos, a obra mais famosa de Jules Verne encanta leitores de todas as idades. O escritor ajudou a criar um novo gênero literário, a ficção científica, e seus livros tinham um traço premonitório. Muitas das invenções humanas posteriores foram antecipadas em suas páginas. "20 mil léguas submarinas" é um exemplo. A aventura é das mais emocionantes. O leitor é transportado para 1866, ano em que navios de diferentes nacionalidades começam a naufragar e sofrer misteriosas avarias. As descrições revelam que um ser "comprido, fusiforme, fosforescente em certas ocasiões, infinitamente maior e mais veloz que uma baleia" seria o responsável. Imediatamente, governantes e homens da ciência mobilizam-se para deter o misterioso monstro marinho. A missão, porém, não sai como esperado. Os responsáveis pela expedição são capturados pelo capitão Nemo, enigmático e problemático, criador do moderno submarino Náutilus, confundido com o tal monstro misterioso. A aventura só começou. A trupe vai viajar pelo fundo do mar, enfrentando águas remotas, criaturas das profundezas e uma fauna e flora exuberantes. Um clássico da literatura mundial que merecia uma edição brasileira à altura. Esta chega agora com tradução cuidadosa, mais de 70 gravuras de época e notas explicativas.

[Compre agora e leia](#)



LISA HILTON

Elizabeth

UMA BIOGRAFIA

ZAHAR

Elizabeth I

Hilton, Lisa 9788537815687

412 páginas [Compre agora e leia](#)

Um retrato original e definitivo da Rainha Virgem narrado com todos os elementos de um impressionante romance

Filha de Henrique VIII e Ana Bolena, Elizabeth I foi a quinta e última monarca da dinastia Tudor e a maior governante da história da Inglaterra, que sob seu comando se tornou a grande potência política, econômica e cultural do Ocidente no século XVI. Seu reinado durou 45 anos e sua trajetória, lendária, está envolta em drama, escândalos e intrigas.

Escrita pela jornalista e romancista inglesa Lisa Hilton, essa biografia apresenta um novo olhar sobre a Rainha Virgem e é uma das mais relevantes contribuições ao estudo do tema nos últimos dez anos. Apoiada em novas pesquisas, oferece uma perspectiva inédita e original da vida pessoal da monarca e de como ela governou para transformar a Inglaterra de reino em "Estado".

Aliando prosa envolvente e rigor acadêmico, a autora recria com vivacidade não só o cenário da era elisabetana como também o complexo caráter da soberana, mapeando sua jornada desde suas origens e infância - rebaixada de bebê real à filha ilegítima após a decapitação da mãe até seus últimos dias.

Inclui caderno de imagens coloridas com os principais retratos de Elizabeth I e de outras figuras protagonistas em sua biografia, como Ana

Bolena e Maria Stuart.

"Inovador... Como a história deve ser escrita." Andrew Roberts, historiador britânico, autor de Hitler & Churchill

"... uma nova abordagem de Elizabeth I, posicionando-a com solidez no contexto da Europa renascentista e além." HistoryToday

"Ao mesmo tempo que analisa com erudição os ideais renascentistas e a política elisabetana, Lisa Hilton concede à história toda a sensualidade esperada de um livro sobre os Tudor." The Independent [Compre agora e leia](#)

Inclui posfácio do autor sobre o Brasil

REDES Manuel Castells DE INDIGNAÇÃO E ESPERANÇA



Movimentos sociais
na era da internet

 ZAHAR

Redes de indignação e esperança

Castells, Manuel 9788537811153

272 páginas [Compre agora e leia](#)

Principal pensador das sociedades conectadas em rede, Manuel Castells examina os movimentos sociais que eclodiram em 2011 - como a Primavera Árabe, os Indignados na Espanha, os movimentos Occupy nos Estados Unidos - e oferece uma análise pioneira de suas características sociais inovadoras: conexão e comunicação horizontais; ocupação do espaço público urbano; criação de tempo e de espaço próprios; ausência de lideranças e de programas; aspecto ao mesmo tempo local e global. Tudo isso, observa o autor, propiciado pelo modelo da internet.

O sociólogo espanhol faz um relato dos eventos-chave dos movimentos e divulga informações importantes sobre o contexto específico das lutas. Mapeando as atividades e práticas das diversas rebeliões, Castells sugere duas questões fundamentais: o que detonou as mobilizações de massa de 2011 pelo mundo? Como compreender essas novas formas de ação e participação política? Para ele, a resposta é simples: os movimentos começaram na internet e se disseminaram por contágio, via comunicação sem fio, mídias móveis e troca viral de imagens e conteúdos. Segundo ele, a internet criou um "espaço de autonomia" para a troca de informações e para a partilha de sentimentos coletivos de indignação e esperança - um novo modelo de participação cidadã.

[Compre agora e leia](#)

JORGE ZAHAR EDITOR

Rebeliões no Brasil Colônia



LUCIANO FIGUEIREDO

Descobrimo o Brasil

Rebeliões no Brasil Colônia

Figueiredo, Luciano 9788537807644

88 páginas [Compre agora e leia](#)

Inúmeras rebeliões e movimentos armados coletivos sacudiram a América portuguesa nos séculos XVII e XVIII. Esse livro propõe uma revisão das leituras tradicionais sobre o tema, mostrando como as lutas por direitos políticos, sociais e econômicos fizeram emergir uma nova identidade colonial.

[Compre agora e leia](#)